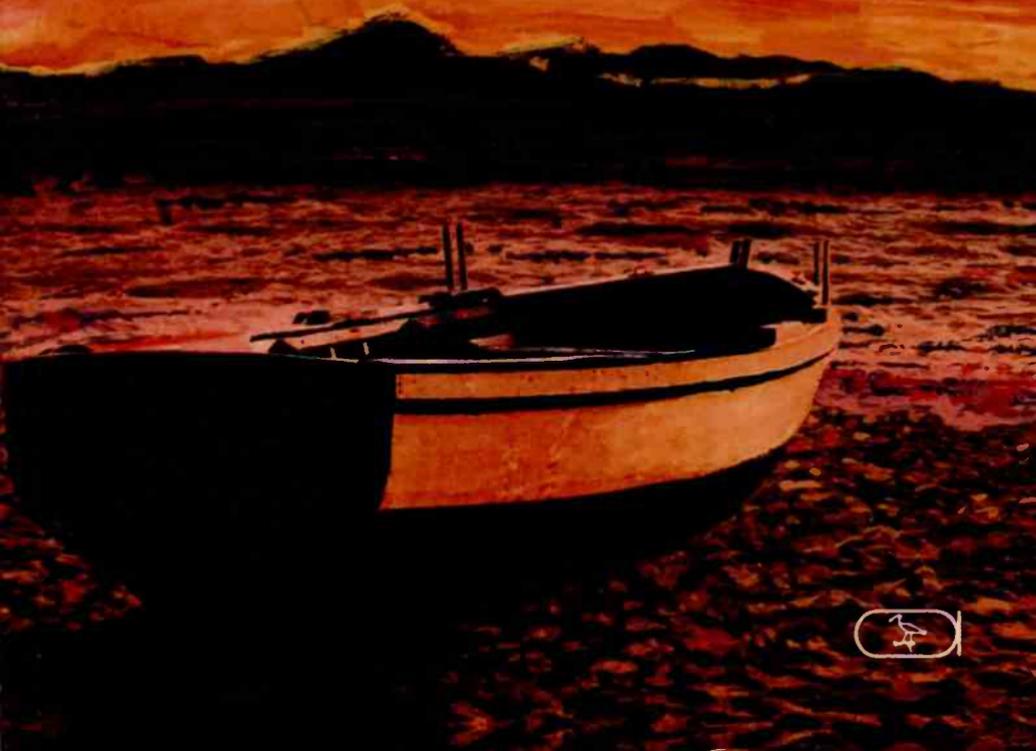


JOSÉ NÊUMANNE PINTO

---

# ANTES DE ATRAVessar



---

Se, quando estudei João Cabral, disse que a sua obra se traduzia numa “poesia do menos”, agora, com José Nêumanne Pinto, deparamo-nos com uma “poesia do mais”.

Exuberância traduzida no jorro dionisíaco de seus versos, em que as palavras ganham textura, sabores, cheiros, num regime solar de celebração da vida; até a morte é desdramatizada. Exuberância na profusão de epígrafes, referências/reverências que norteiam seu trabalho. Exuberância no plano da expressão, que transita dos versos livres e longos de poemas longos à contenção métrica e estrófica de outras peças pautadas pela observância a padrões de regularidade formal., sem esquecer as incursões no poema em prosa.

Nêumanne não elide, ao contrário, apregoa a ostensividade do sujeito lírico, do “eu” que ressoa na maioria dos textos, embora um “eu” em constante interlocução com o outro, a ponto de essa delicada e complexa interação merecer um dos mais extensos e intensos poemas do livro (“Ecce Homo”).

Tão diverso de Cabral, num ponto Nêumanne com ele se irmana: no trato quase obsessivo de determinados temas. Aqui, o tema recorrente é a celebração amorosa e erótica da musa Isabel, mesclada ao júbilo da chegada do filho Artur: “Ouvia o pulsar de meu coração,/ remoçado pela presença dos dois/ na minha vida velha de 68 anos”.

Da vida discutivelmente velha, brota uma poesia indiscutivelmente nova.

*Antonio Carlos Secchin, poeta,  
Membro da Academia Brasileira de Letras*

# ANTES DE A TRAVESSAR

Para o quinto aninho Soare,  
Bertra, esta poesia de  
atalhos e retalhos, amor  
e desejo, luta e lide,

Mermãnnne  
São Paulo 17/4/2023



JOSÉ NÊUMANNE PINTO

---

# ANTES DE ATRAVESSAR

*Prefácio*  
*Alexei Bueno*



*Ibis Libris*  
*Rio de Janeiro*  
2022

Copyright © 2022 *José Nêumanne Pinto*

Editora: *Thereza Christina Rocque da Motta*

Capa, projeto gráfico e diagramação: *Romildo Castro Gomes (romildo@romadesign.com.br)*

Ilustração da capa: *Chico Pereira*

Foto do autor: *Isabel de Castro Pinto*

1ª edição em setembro de 2022.

Revisão conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil a partir de janeiro de 2009.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

---

P659a      Pinto, José Nêumanne, 1951-  
Antes de atravessar / José Nêumanne Pinto, prefácio de Alexei Bueno. – Rio de Janeiro : Ibis Libris, 2022.  
160 p. ; 14cm x 21cm.  
Inclui índice  
ISBN: 978-65-89331-65-0  
1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Bueno, Alexei. II Título.

2022-2933      CDD 869.1  
CDU 821.134.3(81)-1

---

**Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Poesia 869.1
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

Todos os direitos reservados.

Email do Autor: [neumanne@gmail.com](mailto:neumanne@gmail.com)

Impresso no Brasil.

2022



*Ibis Libris*

---

*Ibis Libris Editora Ltda. – ME*

CNPJ 09.238.097/0001-40

Rua Pereira Nunes, 395 / 1701

Vila Isabel | Rio de Janeiro RJ

CEP 20.541-022

Tel.: 21-3546-1007

Site : [ibislibriseditora.com.br](http://ibislibriseditora.com.br)

E-mail : [contato@ibislibriseditora.com.br](mailto:contato@ibislibriseditora.com.br)

Associada à LIBRE.

[www.libre.org.br](http://www.libre.org.br)

## SUMÁRIO

---

### ALGUMAS LINHAS SEM SERVENTIA

*Alexei Bueno* | 13

### UMA TRAVESSIA PELOS CÍRCULOS DA PALAVRA

*Astier Basílio* | 21

### O NASCIMENTO | 25

#### 1 POEMAS PARA ISABEL

ANTES DE ATRAVESSAR | 27

NOTURNO | 30

JUVENTUDE A TRÊS | 31

ISABEL, MAR E MINAS | 32

MEDEIA AQUI E AGORA | 34

MANUAL DE PINTURA, CARTOGRAFIA E ANATOMIA | 37

MAGNIFICAT | 46

NESTE DIA MUNDIAL DA POESIA | 47

MAGISTER DIXIT | 49

MINHA TIA, NOSSA GENEALOGIA | 54

BOA NOITE, ESPERANÇA | 58

#### 2 ESCRITURAS PROFANAS

QUERER DOS QUERERES | 61

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO | 65

ECCE HOMO | 66

STABAT MATER | 78

AI, QUE DELÍCIA! | 81

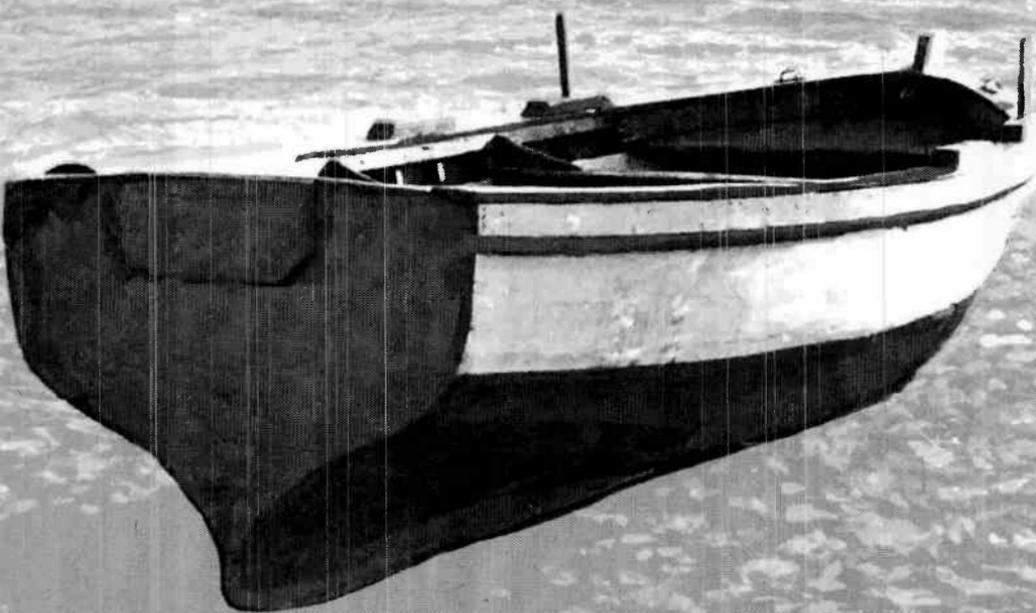
MADEIRO | 85

GABRIEL – A VISITA | 87

OS DEZ MANDAMENTOS DA BARBÁRIE | 89

## SUMÁRIO

---



## SUMÁRIO

---

### 3 A VIDA COMO ELA É

- ÀS CINCO DA TARDE | 91  
ODE AO PÓ | 94  
GARATUJAS DE BAR | 96  
POEIRA DE ESTRELAS | 98  
DECOMPOSIÇÃO DA FOLHA | 101  
FUNDAÇÃO DO PAI | 103  
SERÁ UMA VEZ | 113  
ABOIO DO SEMIÁRIDO | 116  
POEMA-SERTÃO | 121  
ATENÇÃO: GUERRA À VISTA | 124  
SEIS QUARTETOS EM SI | 125  
SEIS QUARTETOS EM SI | 127  
OS PEIXES DE ÉFESO | 128  
SR. BRASIL, PRAZER E PENA | 130  
PARA XOSÉ LUÍS, COM XIS, DE UM JOSÉ COM JOTA | 133  
ESTRELA DE MUITOS MARES | 136  
...E SOBRE ESTA PEDRA... | 141  
LEGADO | 145  
A VOLTA DE NOVO | 150  
NO OITO, DEITADOS | 153  
DOMINGUINHOS, MENINÃO | 158

### EPÍLOGO

*Dailor Varela* | 63



ANTES DE ATRAVESSAR

*Para Isabel e Artur,  
que me ensinam todo dia a amar,  
única condição para ser feliz*





*E, à noite nas tabas, se alguém duvidava  
do que ele contava,  
tornava prudente: "Meninos, eu vi!"*

**Gonçalves Dias,  
"I-Juca Pirama"**

*Caminante no hay camino,  
Se hace camino al andar*

**Antonio Machado Ruiz,  
"Cantares"**

*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,  
mas um dia afinal eu toparei comigo...  
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,  
Só o esquecimento é que condensa,  
E então minha alma servirá de abrigo.*

**Mário de Andrade,  
"Eu sou trezentos..."**, *Remate de males*





## ALGUMAS LINHAS SEM SERVENTIA

*Alexei Bueno*

Entre o conjunto numeroso dos paraibanos ilustres, há dois grupos diversos, o daqueles que, por destino ou vontade, nunca deixaram as terras pátrias, como Augusto dos Anjos ou Ariano Suassuna, e o outro, mais vasto, dos que percorreram o orbe, de Pedro Américo a José Lins do Rego, de Walter Carvalho a José Nêumanne Pinto, cidadão do mundo, e, mais do que tudo, brasileiro atento, o que o elevou à posição de um dos maiores jornalistas políticos do país, ainda que em muito ultrapasse o carácter exclusivamente político, mesmo ao reconhecermos que coisa alguma deixe de sê-lo. Ao lado, no entanto, desse seu olhar obrigatoriamente ligado ao factual mais concreto, mais imediato, há o olhar do lírico, companheiro e vizinho do primeiro, o olhar e a voz do poeta, do antologiadador, do letrista, do ficcionista, e nisto não reside a menor contradição, pois o que é a poesia – ela e todas as artes – se não um olhar em profundidade, aquele que se debruça sobre o que antecede, acompanha e transcende o factual concreto, imediato, compulsório, aquele que se dedica, portanto, ao que é mais real do que aquilo, tantas vezes efêmero e imponderável, que se pavoneia na arrogância do



agora com grandes vestes e pretensões de esgotar a realidade?

A Paraíba, por razão imponderável, sempre nos pareceu uma espécie de epicentro, de capital da oralidade nordestina, daquela inteligência verbal, sem paralelo entre nós, que se manifesta pela cantoria, pelo cordel ou pelo repente, mesmo levando em conta as suas fronteiras com Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte, e o número de cantadores imortais que viram a luz nesse pequeno estado – um Leandro Gomes de Barros, um Francisco das Chagas Batista, um Mestre Azulão, nosso saudoso amigo já um tanto carioca – parece comprovar tal afirmação, sem explicar nada, e é melhor, no fim das contas, que não explique. José Nêumanne Pinto, como perceberá o leitor, nasceu com essa atração atávica pelo verbo, pelo jogo das assonâncias, pela tantas vezes lúdica atração entre as sílabas e as palavras, outras vezes repulsão entre elas, que em não poucos momentos serve como elemento genético dos seus versos.

No presente livro, que não se limita a um tema, aquele do amor é dominante, na figura e no prestigioso, lendário, longínquo, atual e eterno nome de Isabel, num nível que, em certos momentos, nos traz à memória a presença de Elsa na obra de Aragon ou a de Vera na de Alberto da Costa e Silva, e aqui ficamos, com um europeu e um bra-



sileiro, para não esticar uma lista que não terminaria mais... Quando falamos de amor, no entanto, é preciso ressaltar que ele não se limita ao conjugal, àquela corda amatória que por séculos fez vibrar a lírica de todos os povos, pois aquele outro amor, que diríamos vertical, aquele que nos une, como através de uma coluna de sangue, a nossos antepassados e a nossos descendentes, também perpassa toda a poesia do autor, e com ela o amor à terra natal e a todas as terras, pois José Nêumanne é um poeta notavelmente culto, e a cultura não é, como infelizmente se apresenta algumas vezes, um jubiloso atavio da pedanteria, mas a mais perfeita forma de solidariedade humana, pois nos une quase carnalmente à espécie humana inteira, em tudo o que ela fez ou conseguiu ser de grande.

Tal passagem do amor individual ao amor pela própria terra aparece – um exemplo entre outros – no seguinte trecho de “Isabel, mar e minas”, trecho em que um filho do Alto Sertão da Paraíba se refere a uma nação inteira:

*Isabel é meu Brasil que vale a pena:  
o Brasil dos Bonifácios,  
o Brasil de Tiradentes,  
o Brasil de Villa-Lobos,  
Tia Ciata, Pizindim e Heitor dos Prazeres,  
de vaqueiros cavalgando em caatingas*

*e boiadeiros guiando boiadas em lonjuras,  
o Brasil de Antônio Jobim e de Portinari,  
o Brasil de camponeses ferindo dedos  
ao catar capuchos de algodão  
e de operários na fila do ônibus,  
dos bondes que não andam mais  
e da solidão dos caminhoneiros.*

*Não esta Pátria picada pelo Aedes aegypti  
e corrompida pela zica do roubo  
nem este povo entorpecido  
pela moléstia da mosca tsé-tsé.  
Mas o Brasil de nossos pais decentes  
e de nossas mães nos ensinando o beabá  
na treva seca dos sertões gerais.*

*O Brasil pisado pelos pés de Isabel,  
o País moldado pelas mãos de minha mulher,  
é tudo que eu queria legar pro futuro  
como uma herança só de paz,  
sem medo nem desesperança.*

O que era declaração de amor nacional se transformará, logo depois, em declaração planetária, num poema como “Medeia aqui e agora”, do mesmo modo que se estende, além do espaço, no tempo sem tempo da mitologia, no longo poema de longo título “Manual de pintura, cartografia e anatomia,

ou melhor: corpo, alma, dengos e coração da mulher amada”. A poesia de José Nêumanne que aqui se congrega é a poesia de um homem feliz, a mais difícil de ser feita, o que me lembra a impagável reflexão do insubstituível Ariano Suassuna de que “o que é bom de passar é ruim de contar, mas o que é ruim de passar é bom de contar”. O autor destas linhas corrobora pessoalmente a ideia, pois só escreveu poemas de amor numa única ocasião, mas de fim de amor ou de amor irrecuperável em várias, fato muito bem exemplificado pelo poeta de *Antes de atravessar* na primeira estrofe de “Neste dia mundial da poesia”:

*Neste Dia Mundial da Poesia  
terei de dizer a meus amigos  
que não me cumprimentem,  
pois há dez anos poesia  
não faço mais como já fiz,  
de vez que agora eu convivo  
com faces, fases e feitiços.*

Felizmente, tal estado de silêncio se desfez, sem que o júbilo que o provocava se desfizesse, e os poemas voltaram a acontecer, prenhes de terra, seja a da província, seja a do mundo, plenos do espetáculo fascinante e assustador dos dias, e da onipresença da memória, não poucas vezes, o que



é muito compreensível, tendo a família como tema, o que ocorre com o muito longo poema em prosa – o único que há do livro – “Fundação do pai”. Será tal texto de fato um poema em prosa, este gênero desde sempre de complexa e melindrosa definição? Cremos que sim, pois a manutenção da alta voltagem lírica e emocional nos leva a classificar como poesia essas nove páginas e meia de prosa muito densa.

Numa completa mudança de registro, é preciso destacar os poemas dedicados ao sertão natal do poeta, como “Aboio do semiárido” ou “Poema-sertão”, que exploram esse mais glorioso dos temas da arte brasileira, que, nos propiciou, entre tanta coisa, *Os sertões*, *Grande sertão: veredas* e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, e é de há muito que afirmamos ser o português a única das línguas modernas a ter produzido três epopeias, uma em verso, *Os Lusíadas*, no século XVI, e duas em prosa, nos dois maiores monumentos da literatura brasileira, que acabamos de relembrar.

Finalmente, e de forma difusa através do livro, há poemas que poderíamos dizer filosóficos, pois, sem tratar de um tema específico, tentam aproximar-se da essência das coisas, essa miragem que nos impele entre o nascimento e a morte, e que é o caso de poemas como “Do pódio ao pó”, “Os peixes de Éfeso” ou “A volta de novo”, entre outros.

E aqui ficamos, deixando o leitor – que é quem interessa – com a poesia de José Nêumane Pinto, em Uiraúna ou Florença, em Paris ou São Paulo, na Grécia ou em Canudos, no antes, no agora e no depois, com os nossos vivos, com os nossos mortos.

*Rio, 25 de julho de 2022*





## UMA TRAVESSIA PELOS CÍRCULOS DA PALAVRA

*Astier Bastlio*

Desde o título, “Antes de atravessar”, José Nêumanne Pinto estabelece uma conversa com Dante Alighieri. Mas ao contrário do poeta florentino, que se valeu de um guia, Virgílio, para caminhar pelos labirintos de Inferno e Purgatório até pisar no mesmo chão de sua musa, Beatriz, o poeta de Uiraúna promoveu uma fusão: deixou-se conduzir pela mulher amada. Deste modo, Isabel, durante a travessia, é a musa que não promete um paraíso na chegada, mas uma guia que o instaura nas caminhadas pelos círculos da vida. É o que se pode ver no poema “Magister dixit”, no qual o poeta se deixa conduzir e, pondo Camões pelo avesso, faz a coisa amada se transformar no amador e, neste lance de dados magistral de fantasia poética, Nêumanne faz a história se inverter quando compõe um brilho que “Fernão Dias contemplará ao ler Bilac / nas trilhas palmilhadas pelos bandeirantes” Neste livro se empreende, também, uma travessia pelo território mágico da palavra. Somos conduzidos, através dos poemas, sob a batuta de um ritmo único, pelo timbre de uma dicção poética sui generis, que urde redondilhas e desmonta decassílabos,



causando uma sinfonia que nos lembra, por vezes, os *talking blues* de Woodie Guthrie ou o proseado ao som da sanfona de Gonzagão. Pisamos no chão bruto de onde teima em nascer, sempre esplêndida, a última flor do Lácio. É o que vemos na pequena obra-prima “Aboio do semiárido”: “O deserto inteiro e o sertão só meio:/ cá fora o deserto, lá dentro o sertão. / Visto do sertão, o mundo é cancela:/ as mãos de Euclides, os peitos de Gabriela (...)”.

Nêumanne é um poeta em tempo de maturidade, que, como um Ulisses que troca de lugar com Penélope, vai tecendo o mais belo vestido para sua amada, imitando aqui outro nordestino, o sergipano Arthur Bispo do Rosário, que costura o mundo na tessitura de seu manto. Nêumanne compõe sua tapeçaria feito um “malandro do intertexto”, como brilhantemente definiu Elizabeth Marinheiro. Vejamos como ele habilmente faz suas fusões entre o sacro e o profano, o popular e o erudito: “(...) eu quero essa mulher/ de todo jeito, / no ar e na terra, /na paz e na guerra, / na chuva e na seca, /na saúde, na paixão/ e na hora de nossas/ pequenas mortes, amém!”

O mundo, bordado por José Nêumanne, é uma espécie de testemunho desta geração que já dobrou o Cabo da Boa Esperança e, ao aportar no novo milênio, chegou recitando o poeta florentino: “perdei toda esperança, vós que entráis”. No

entanto, Nêumanne, como Sheherazade, vai ludi-  
briando o final: aqui o tempo se embaralha, como  
em *Morangos Silvestres*, do seu amado Bergman,  
e Nêumanne tal como o personagem Isak Borg,  
revisita seus tempos idos e vividos. Assim, somos  
levados ao céu de Uiraúna, onde no breu da noi-  
te, o menino míope mergulha na vastidão do céu,  
ouvindo dona Mundica, sua mãe, recitar Castro  
Alves de cor; sentamos no alpendre da casa avoen-  
ga e escutamos a lâmina metálica dos martelos dos  
repentistas; esprememo-nos na feira central a ouvir  
os irmãos Dedé e Toinho da Mulatinha cantando  
emboladas; passamos na calçada da Livraria Pedro-  
za e escutamos o ganzá de Maroca, Poroca e In-  
daiaí, as três irmãs ceguinhas; regressamos às salas  
do Capitólio e do Babilônia, da amada Borbore-  
ma, onde são projetados imagens veneradas, onde  
vemos a lindíssima Jean Seberg vendendo o *New  
York Herald Tribune* no calçadão da Champs Ély-  
sées e onde ouvimos as *Bachianas* de Villa-Lobos  
emoldurando a vertigem de um beijo de Yoná Ma-  
galhães em Othon Bastos no tabuleiro da caatinga  
do Brasil profundo.

Só alguém com as retinas lavadas e batiza-  
das pelo esplendor da sétima arte é capaz de uma  
metáfora de primeira grandeza como a que vemos  
no poema “Medeia aqui e agora”, em que o par-  
ticular e o íntimo dançam numa mesma imagem



com o universal e o cósmico: “Estamos atados por um cabo amniótico, / como um astronauta no vazio sideral”, uma construção poética semelhante à que fez Caetano Veloso na canção *Terra*, em que, no afeto do poeta, o planeta se transforma na pequenina Paraíba.

É o amor, que move o sol e as estrelas, como cantou o já citado Dante. É com ele que encerro, pois o amor não só funda seu próprio tempo como o trapaceia, tal como fez com o próprio Nêumanne, que se considerou “Velho demais / para ser Artur”, anos antes da vinda ao mundo do fruto de seu amor com Isabel, menino de mesmo nome do poeta francês autor de *Le Bateau Ivre*, comprovando que a palavra do poeta, como bem nos ensina a tradição lírica russa, tem poder profético. E José Nêumanne Pinto é um profeta. Ainda que seja do evangelho das escrituras profanadas.

*Astier Basílio é poeta e tradutor.  
Mestre em Literatura Russa, pelo Instituto Puchkin  
e doutorando em Literatura russa,  
pelo Instituto Maksim Gorki, de Moscou.*

## O NASCIMENTO

Chegou o almejado dia 18 de maio, o sol brilhava com maior fulgor e intensidade, à medida que ele declinava no horizonte aproximava-se o grande, o maravilhoso, o magnífico e desejado momento. Foi um verdadeiro contraste: enquanto o sol em alegria deramava sobre a terra os seus últimos raios doirando a cocuruta dos montes, os meus ouvidos ouviam a mais suave e encantadora música, os primeiros vagidos do meu filhinho. Nunca havia experimentado tamanha felicidade, e, possuída da indescritível emoção, estretitava em meus braços um bebê cor de rosa. Que era a sublime concretização dos meus sonhos.

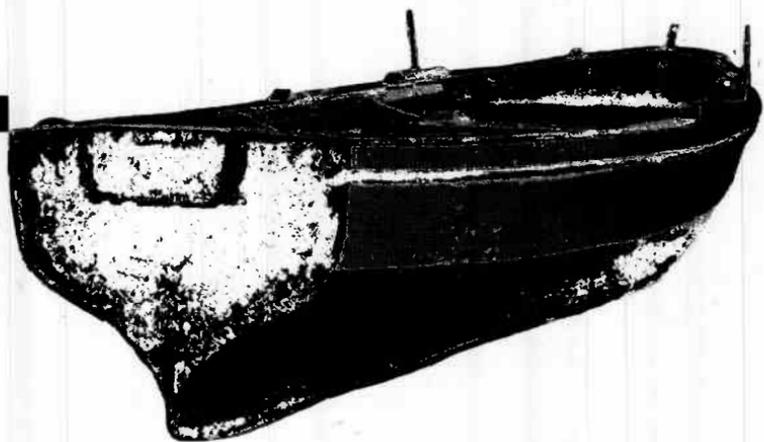
Não era feliz somente eu naquela noite, adivinho o que se passava no íntimo de Anchieta, meus pais e irmãos, meus pais, que viram pela primeira vez um filho de sua filha.

*Mundica Ferreira Pinto  
Fazenda Rio do Peixe, Uiraúna, Paraíba,  
18 de maio de 1951*

*(Texto manuscrito em Meu Bebê, o Livro das Mães, com texto de Bastos Tigre, e ilustrações de Acquarone. Primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras. Publicado pela Editora Minerva, em 1945.)*



1  
POEMAS PARA  
ISABEL



## ANTES DE ATRAVESSAR

Mulher, me diz aí  
com quantos paus  
se faz uma canoa  
para cruzar o Hades  
bem devagar,  
devagarinho,  
remanchando,  
contando lorota pro barqueiro,  
histórias de Trancoso,  
contos da carocha.

Mulher, traz a viola  
pra eu cantar umas chulas  
lá de Santo Amaro  
e pinga de Bananeiras  
pra deixar Caronte tonto.

Passa em Teixeira  
e pede emprestada a Zé Limeira  
sua rabeca remendada  
pra tocar o Adagietto de Mahler.  
Aí, quem sabe ele pare  
e até peça bis  
em nome daquela beleza inteira  
a que não dá pra resistir.



Se a emoção vier, não, não chora,  
mulher, mas sorri um riso leve  
e baixinho, sem deboche,  
um risinho de noviça  
que é pra ele se enamorar,  
cair na tua graça  
e se encantar com teu feitiço.

Ah, mulher, passa na bodega de seu Morais,  
ali na Presidente Vargas,  
e vê se ele te vende umas fitas de cor  
procê dançar a dança sem véus  
de Salomé seduzir Herodes  
e iludir o diabo do canoeiro.

E, mulher, me ensina umas lorotas,  
daquelas de enganar corno,  
pra ralentar o remo dele  
e adiar a chegada à outra margem,  
a margem de lá.

Antes de atravessar o samba,  
deixa o barco deslizar  
ao sabor da corrente.  
Vou embarcar sem bagagem,  
que é pra ele não sentir peso  
nenhum na remada.

Aprende uma cantiga de cabaré  
pra fazê-lo sorrir  
ao se acordar de algo bom.  
E traz um travesseiro de plumas  
que é pra ele se recostar na borda  
e esquecer um instante a travessia.  
Quem sabe, ele cochila.  
E, se ele cochilar, cala  
e fica atenta pra não deixar  
que uma onda ou uma bátega  
salpique em seu rosto  
e o desperte da letargia,  
pesaroso com a falsa lágrima  
por sua missão sem piedade.

Mulher, ainda que ele reme forte  
no rumo da margem oposta,  
faze-o ver que valeu a pena  
aquela companhia  
pelo tempo que ele deixar.  
Este será o consolo  
que me dará boas-vindas  
no lado de além de lá.



## NOTURNO

Um relâmpago rasga a noite  
qual navalha afiada na pedra,  
a batucada da chuva no asfalto,  
ao som de motores que roncam  
e de pneus patinando em poças.  
A vida não é muito mais do que isto:  
uma treva úmida e renitente  
com brilhos e ruídos de repente,  
o sorriso cúmplice na fotografia  
e o cheiro da mulher amada no lençol.

Celina Portocarrero teve a ideia de fazer uma antologia com 50 poemas de amor de autores mortos consagrados e mais 50 inéditos de poetas (23 mulheres e 27 homens) em atividade, nascidos entre 1936 e 1989, de todas as regiões do País. *Amar, verbo atemporal, 100 poemas de amor*, editado pela Rocco, foi lançado segunda, 6 de julho de 2012, na Livraria da Travessa Leblon, no Rio, e terça, 14, na Livraria da Vila da Fradique Coutinho, na Vila Madalena, em São Paulo. O da página 111 é este de José Nêumanne Pinto.

## JUVENTUDE A TRÊS

Era cedo, muito cedo ainda.  
O sol não tinha dado as caras  
pela janela fechada do quarto.  
Acordei ouvindo passos no corredor.  
Pensei que fossem Isabel e Artur  
e ela vinha pedir ajuda  
para eu ficar com o bebê  
e ela ir ao banheiro  
escovar os dentes  
e lavar o rosto.  
Mas não eram eles.  
Ouvia o pulsar de meu coração,  
remoçado pela presença dos dois  
na minha vida velha de 68 anos.  
Ou melhor, eram, sim, Isabel e Artur  
caminhando pelas artérias e veias  
desta melhor manhã  
de minha nova mocidade.

*São Paulo, 1º de dezembro de 2019, seis meses de Artur  
(Tom Cavalcante gravou este poema em áudio, uma honra.)*



## ISABEL, MAR E MINAS

Nas veias de Isabel  
corre sangue dos Castro  
de seu avô Ageu,  
revolucionário de trinta  
e prefeito de cidades  
abaixo da linha do Equador,  
lavada e quarada nas águas  
do açudão de Condado.  
E também dos Pimentel  
de vovô Leone,  
comerciante de esperança  
em tempos de trabalho duro  
pra viver bem na escassez.  
Na bateia dos cabelos de Isabel  
se garimpa ouro de minas,  
como por entre seus lábios  
passa o calor do café  
plantado no Vale do Paraíba  
e no interior de São Paulo.  
Nos olhos de minha amada  
fulguram fagulhas de esmeraldas  
pescadas no mar de Tambaú.

Isabel é meu Brasil que vale a pena:  
o Brasil dos Bonifácios,  
o Brasil de Tiradentes,

o Brasil de Villa-Lobos,  
Tia Ciata, Pizindim e Heitor dos Prazeres,  
de vaqueiros cavalgando em caatingas  
e boiadeiros guiando boiadas em lonjuras,  
o Brasil de Antônio Jobim e de Portinari,  
o Brasil de camponeses ferindo dedos  
ao catar capuchos de algodão  
e de operários na fila do ônibus,  
dos bondes que não andam mais  
e da solidão dos caminhoneiros.

Não esta Pátria picada pelo *Aedes aegypti*  
e corrompida pela zica do roubo  
nem este povo entorpecido  
pela moléstia da mosca tsé-tsé.  
Mas o Brasil de nossos pais decentes  
e de nossas mães nos ensinando o beabá  
na treva seca dos sertões gerais.

O Brasil pisado pelos pés de Isabel,  
o País moldado pelas mãos de minha mulher,  
é tudo que eu queria legar pro futuro  
como uma herança só de paz,  
sem medo nem desesperança.

*São Paulo, 30 de janeiro de 2016*



## MEDEIA AQUI E AGORA

*Oh, where have you been, my blue-eyed son,  
Where have you been, my darling young one?*  
Bob Dylan, "A hard rain is a gonna fall"

*Para a neta do Dr. Ageu*

Por onde diabo é que vive  
nosso filho de olho azul,  
fugido de Hiroshima,  
destroço de Nagasaki,  
vampiro de Chernobyl?  
Em que missa que rezou  
nossa filhota africana,  
queimada no Vietnã,  
morta de fome na Rússia,  
apedrejada em Coyoacán?  
Por onde anda no mundo  
nosso neto oriental,  
que nunca brincou de pega,  
jamais chupou sorvete  
nem sequer rodou pião?  
Sabe acaso onde está  
nossa neta australiana,  
que não brincou de boneca,  
não pulou amarelinha  
nem correu de assombração?

Nossa família escorreu  
no vão de coxas abaixo,

no leite em pó das estradas,  
no leito do coito interrompido,  
no vago cosmos da vastidão.  
O elo da corrente foi quebrado  
naquela poça de esperma,  
no óvulo abortado e expelido,  
nas preliminares intermináveis e  
no orgasmo oco da perdição.  
E a descendência, interrompida  
na chuva ácida da pílula,  
no fogo fátuo da química,  
na devoção ao espelho,  
no altar da anticoncepção.  
Nosso futuro encarnado  
se ausentou sem ser notado,  
faltou ao ponto marcado,  
sem sequer ser anunciado  
e disse adeus sem ter chegado.

Nosso amor estéril se basta,  
não multiplica, mas cresce  
na brasa acesa do encontro  
e na cinza da despedida.  
Como a figueira da Bíblia,  
nosso desejo se nutre  
das próprias flores murchas e  
dos próprios frutos secos.  
Comemos como convém:  
não nos alimenta o maná do céu  
nem o pão amassado por Satã.  
Nossas mãos não balançam berços,



nossos passos não percorrem parques,  
nosso cordão umbilical nos ata ao outro,  
nossa paixão exclusiva não queima os demais  
Estamos atados por um cabo amniótico,  
como um astronauta no vazio sideral.  
Nossos filhos, assassinados em teu ventre,  
não estão aí a lotar creches  
nem partilham a porca miséria de ter sido.

No entanto, fora de nós,  
a humanidade aumenta  
– loba faminta suja a água do planeta,  
vestida em pele de ovelha tosquiada.  
Olhando pra frente, caminha para trás,  
verme que contamina o solo,  
estrela que ilumina o céu.  
Na noite dos séculos,  
bebês berram nos berços,  
casais babam de ternura.  
E, entretanto, fora de nós,  
o humano se reinventa  
no sórdido bis da barbárie  
e na sublime beleza renovada.  
Vai faltar lugar para todos  
na fila do leite e no balcão do pão:  
parco será o naco de cada um.  
Mas imenso será sempre  
na escuridão de cometas e estrelas  
o voraz buraco negro da solidão.

**MANUAL DE PINTURA,  
CARTOGRAFIA E ANATOMIA**

*Ou melhor, corpo, alma, dengos  
e coração da mulher amada*

Aqui, entre nós, Maria Isabel,  
a rainha, a mãe, a tia,  
a neta, a filha, a poesia;  
Pimentel de Castro,  
herdeira de engenho,  
norte de bússola,  
linha do Equador.  
Recolhida ao solar de taipa  
dos Pinto do Rio do Peixe,  
que não tem água nem peixe,  
balança na rede de Mãe-Inda,  
egressa de outras trempes,  
outros cantos, outros tempos  
e mais cem anos de solidão.  
À sombra das mangueiras,  
em moagens de rapadura,  
alfenim e cana de cabeça,  
na Baixa Verde do clã Ferreira;  
e à mesa farta de fruta e pão  
de Maria Moreira, na feira sem beira  
lá do sem-fim do sertão.

Ao Norte, esta minha amada  
tem dois cérebros de pensar:



um é o templo da deusa Clio,  
com seu passado em ordem.  
O outro, o altar do bobo Eros,  
sob desordens do amor a fazer,  
oculto na cortina de cabelos,  
que envolve seu crânio  
em novelos de fios de ouro,  
finos, macios e lisos,  
a vigiarem esmeraldas  
– dois sóis de ondas do mar,  
dois canhões de raios laser,  
um casal de araras mudas,  
um par de periquitos de estimação.  
Os olhos canavieiros de Isabel  
ninguém consegue esquecer.  
A testa da mestra amada  
é feito caixa de Pandora,  
proibida de ser aberta,  
pois abriga legiões de César,  
dispara guilhotinas de Marat,  
espouca em cometas e fogos,  
revela os segredos de Fátima  
e espera dom Sebastião chegar.  
As sobranceiras de Isabel,  
que a coroam rainha de Sabá,  
protegem a harpa de Davi,  
caçoam do saber de Salomão  
e contêm a arca da aliança,

da nova e da velha aliança,  
da Bíblia, da Cabala, do Alcorão.  
No desenho dos lábios que beijo  
o Criador traçou as rotas  
de caravanas cruzando desertos  
a buscarem oásis perdidos  
sonhados em delírios nômades  
dos contos de Sheherazade,  
esquecidos ao acordar.  
E boca mais linda não há!  
(A voz grave que a esta chega  
direto das cordas vocais  
– com sensual toque masculino –  
dá aulas do que passou  
e fantasia o que virá.  
Sua palavra traduz o que sente  
e entrega o que promete.  
Suas sentenças reproduzem  
o que aprendeu e o que viverá).  
E a perfeição vive em plena  
e complexa harmonia  
entre os lábios que a compõem  
e o queixo em que se precipita  
– à frente, o pescoço esguio  
e atrás, a nuca solerte e alerta.  
Mas tudo seria incompleto  
sem seu nariz imperfeito,  
que não aponta pra cima



para a ninguém humilhar.  
E sem o labirinto das orelhas,  
com curvas de risco  
e contornos imprevistos,  
que nunca levam ao Minotauro.

Sob a cabeça da amada,  
ombros sustentam o peso do mundo  
com a malícia de Dalila  
no corte das madeixas de Sansão.  
Seu colo é o vale de lágrimas,  
o Muro das Lamentações  
de uma Jerusalém particular.  
É, também, o adro da devoção  
onde o Crucificado agoniza  
antes de o lavar o pranto da mãe.  
Dos ombros partem braços,  
endereços de nosso abraço,  
que abarca a história inteira  
quando ela vem se repetir:  
meus bancos no seminário,  
as aulas de português  
de Argentina e Francisca Neuma  
no Estadual da Prata,  
seus passeios de bicicleta  
com Cacá, no Junco do Seridó,  
onde eu costumava tomar café  
no posto de João Galo,

com inhame, cuscuz e ovos,  
queijo de manteiga e carne de sol,  
castanhas de caju à beira do asfalto  
nas curvas da Serra da Viração,  
onde almas penadas dançam o baião.  
Deles pendem duas mãos pequenas,  
com palmas fofas e cheirosas  
sob dorsos firmes e bem-feitos,  
onde pousam aves e beijos  
e descem foguetes e aviões.  
Mãos que indicam caminhos  
e entregam dádivas,  
dedos que encurtam distâncias  
e recolhem afagos  
com suas unhas de cor viva  
e nós fortes de massame.  
Mãos de menina simples  
com meneios de mulher  
e feitiços de anjo-bruxa.  
Suas clavículas foram feitas  
somente para impedir  
aos ousados o acesso abusado  
a seios sensíveis ao toque  
e aptos ao exercício de sugar  
e lambar e beijar e chupar  
para apenas um par de mãos  
e uma língua só que desvende  
mistérios de um gozo secreto



que ela pensava ter perdido.  
Não é pra qualquer um,  
É pra pouco, é só pra um.  
(Dentro do peito pulsa o coração,  
músculo de bondade e malícia,  
capaz de muito mais amar  
e se deixar amar em profusão).  
(Lá dentro do tal órgão vital,  
sopra sua alma capaz  
de se entregar e se integrar,  
mas só a quem decida amar).

No meio do ventre de Isabel,  
o umbigo é o centro do universo.  
Foi lá que Marco Polo achou  
a trilha do Adriático ao Oriente.  
E nele o genovês descansou  
antes de singrar ondas no Caribe.  
É o miolo do cogumelo atômico,  
que caiu em Hiroshima, meu amor.  
O reverso do dorso desta mulher  
são suas costas de planícies  
e nelas a vista se perde  
sem tropeçar em contrastes  
nem escorregar em lombadas.  
Costas sem areia ou pedras  
às quais o mar só chega  
se ela chegar ao mar.

De um lado, a cintura de Isabel  
introduz a gruta de mucosas  
sob um bosque de pelos  
e é ali que Eros foi morar  
com sua destilaria de mucos,  
que só ao iniciado cabe provar,  
e sua confusão de odores  
que uma inteira encarnação  
não basta para identificar.  
A origem de minha vida  
passa por pétalas de rosas  
que não me canso de admirar.  
Do lado de trás, o Aleph,  
orifício de onde tudo se vê,  
mesmo o que não existe,  
mesmo até o que não se vê,  
artifício de uma beleza peculiar  
que a nada mais é dado ter.  
É o vale mais profundo  
entre dois morros simétricos  
que o ocultam e lhe dão valor.  
Nada é demais ou de menos  
nas nádegas de minha mulher:  
na parábola de suas ancas,  
em que convivem em paz  
formas de côncavo e convexo,  
tudo está em perfeita ordem,  
embora elas provoquem o caos,  
a desídia e o conflito nuclear.



Na vida toda nunca pude ver  
membros inferiores tão belos  
como os que ela tem, acredite.  
Em palco, tela, sala ou cama,  
mesa, desfile ou via pública,  
onde mais pudesse haver,  
nada me pareceu ter existido  
com que se pudesse comparar:  
nem as coxas de Norma Bengell  
no filme exibido no Capitólio.  
nem as pernas de Cyd Charisse  
dançando com Fred Astaire.  
Entre coxas e pernas  
joelhos discretos, de matar  
de inveja os de Nara Leão.  
Quando vi pela primeira vez,  
julguei que fossem miragem,  
que nem pudessem existir.  
E a ninguém careço convencer.  
Pois é assim que vejo.  
E assim é que são:  
do magnífico traseiro,  
de que descem,  
aos pezinhos delicados,  
com que só pisam o chão  
depois de esmagar minha dor  
e perdoar minha perdição.  
Seus pés são asas de andorinhas,

sem as quais o inverno não parte,  
sem as quais nunca chega o verão.

Ao sul Maria Isabel se dirige  
para partilhar o maná caído do céu  
e o pão que o diabo amassou,  
a par de que vida é pra viver  
e não há tempo que se possa perder.



**MAGNIFICAT**

*Para minha Madonnella de Campina Grande*

Quando estou dormindo e meu amor me abraça por trás,  
Sinto que Deus cala e observa a harmonia de sua obra  
E o diabo cede a um cansaço de milênios para cochilar.  
As ondas do mar suspendem seu salto na areia  
E as estrelas ficam perfeitamente visíveis no céu,  
Ainda que o sol atravessasse a vidraça do quarto  
Para beijar nossos lençóis, nossas fronhas e nossos cabelos.  
Então, meu amor coça a ponta do nariz nas minhas costas.  
Percebo que não há lavas nos vulcões em erupção  
E os anjos tocam em sua fanfarra um ritmo de axé.  
Vem um cheiro de pão quente da Padaria das Neves  
E o fluxo dos rios altera as rotas dos viajantes.  
Embarco numa viagem de férias por um instante  
Quando a mãozinha de meu amor pousa na minha  
Sobre o peito cansado de guerra e, enfim, em paz.  
Meu amor ressona no meu ouvido suavemente  
E me pergunto, atrevido, em quantas manhãs mais  
Me sentirei feito um bobo de sua Corte Real.  
Ao beijar seus lábios de caju assim logo cedo,  
Mordo a maçã do Eden, bebo um gole de coco  
E estico os músculos como se nada mais houvesse a fazer  
A não ser dançar uma valsa de Strauss  
Em algum terreiro baldio do sertão de minha infância.

## NESTE DIA MUNDIAL DA POESIA

*Para Isabel e Artur*

Neste Dia Mundial da Poesia  
terei de dizer a meus amigos  
que não me cumprimentem,  
pois há dez anos poesia  
não faço mais como já fiz,  
de vez que agora eu convivo  
com faces, fases e feitiços.

À noite entrego meu guri  
aos braços de Morfeu,  
logo cedo, saúdo Clio  
na sacerdotisa da deusa ao lado  
com beijos, más intenções,  
cargas de benquerença  
e explícitos desejos.

Ao sair do chuveiro  
uso o perfume  
que ela escolheu  
para me distinguir  
de outros mortais  
que não a conhecem.



Não sou autor,  
sou escravo dela,  
cumpro suas ordens,  
respeito seus caprichos  
e faço de lei sua vontade.

Sem hora, a poesia  
é sempre dia, mesmo à noite,  
quando a lua reflete  
a luz solar de suas retinas  
e remexe em quadris  
sobre coxas que nem Da Vinci  
ousaria desenhar.

A poesia sempre tem  
mistérios a revelar,  
sonhos a provocar  
e amor a partilhar.

## MAGISTER DIXIT

*Cada passada tua era um caminho aberto!*

— Olavo Bilac, *O caçador de esmeraldas*

Com minha mãe, mal saído do berço,  
aprendi a ler de carreirinha, como Zeca Diabo,  
distinguir algarismos arábicos e fazer contas.  
Fui seu primeiro aluno, ela, minha primeira mestra.  
De Mundica herdei vida, cara, o amor pela palavra  
e a paixão pela poesia e pela leitura.  
Com Isabel, assim que partilhei seu tálamo,  
aperfeiçoei o que a vida me ensinara de mais útil  
para lidar com artimanhas alheias e imperfeições próprias.  
A mania que todo surdo tem de falar alto,  
o indicador em riste para impor o argumento,  
perdigotos inevitáveis na cara do interlocutor,  
hábito de interromper em papos íntimos ou formais.  
Isabel, a definitiva mestra-escola, me apresenta ao diálogo.  
Com ela me aperfeiçoei na arte difícil da conversa,  
na qual quase sempre o triunfo leva ao recuo,  
permanente aprendizado do legado de Pirro.  
Minha mulher é musa bela e inteligente,  
não necessariamente nessa ordem, é claro.  
Para seduzi-la, dei-lhe a obra-prima de Marcel Proust  
e ela nem precisou passar do primeiro volume da tradução  
para me ensinar rudimentos do texto, que não tinha percebido.  
Depois, lhe disse que lera *Ulysses*, de Joyce, via Houaiss,



mas discordava de quem o julgava o romance dos novecentos.  
De minhas leituras no quarto dos fundos de uma casa  
nos fundos do Colégio das Damas em Campina Grande,  
[onde ela nasceu,  
me deixei fascinar por *Eichmann em Jerusalém*,

[de Hannah Arendt,  
e também por *Apanhador no Campo de Centeio*, de Salinger.  
No primeiro caso, a encontrei pronta para me explicar  
a banalidade do mal e as imprudências do desejo.  
Ela havia dedicado anos de um curso universitário  
lendo, anotando, rabiscando as obras do ídolo de Lafer.  
Trouxe preciosidades indispensáveis para discuti-las.

O então namorado, bom aluno perspicaz, mas relapso,  
degustava frases, mas fazia pouco da utilidade do registro,  
tratando o lido com reverência, mas se deixando levar  
por armadilhas da beleza, da música e do ritmo delas.

Quando a conheci, eu tinha abandonado o vício que ela  
[mantém de marcar,  
atenção concentrada no escritor, com exagerada confiança  
[na lembrança.

que tornava traiçoeiro e fugidio o que poderia ser  
[necessário lembrar.

No leito conjugal, antes do sono, ela relembra fatos do dia  
com lições do cotidiano, que dona Clio a lembra  
[de me lembrar.

Em tais ocasiões, me diz da relevância de alisar as coisas  
[ásperas

para nunca perder a noção dos objetos que tornam  
[o tato prazeroso.  
A sabedoria de minha amada aduz que preto, cinza  
[e branco são cores  
e que azedo é sabor que não deve ser preterido pelo  
[prestígio do doce,  
principalmente para um parceiro diabético, proibido  
[de acumular glicose.  
Ela não deixa seu amado perder a noção do peso  
[dos objetos leves  
nem fazer de conta que o feio não deve ser sempre  
[preterido ao belo.  
Minha mestra, também doutora, com tese defendida  
[e aprovada,  
é capaz de me levar a momentos inesperados em locais  
[antes visitados,  
como ao me conduzir à livraria Shakespeare and Company.  
[no Sena,  
para confirmar a descrição feita por Hemingway;  
[em Paris é uma Festa,  
levando-me a comprar Ulysses. saído do prelo da secular  
[primeira edição.  
Da mesma forma me conduziu aos jardins de Giverny  
para eu contemplar cores de Monet longe  
[do Museu d'Orsay.  
Foi como se as tonalidades de plantas e telas tivessem  
[outra natureza

depois de por elas terem passeado as pupilas verdes  
[da filha de Betânia.

Isabel me ensinou a conversar, tudo aprendo desde  
[que a conheci,

o que ouço tenho logo de lhe contar e tudo o que sei faço eco.

Li Grande Sertão: Veredas num quarto dos fundos

[nos sessenta,  
o reli aos pedaços ao longo de minha vida afora,

e. aos 67 anos, o li inteiro na cama para minha mulher.

Era como se tivesse sido a primeira vez, como sempre com ela.

Manuelzão e Miguelim ocuparam nossa relação

[sem pedir vênia.  
Ler para Isabel me apresentou à saga de Riobaldo

[e Diadorim.

Lições dessa leitura ao leito foram levadas à Academia

em palestra sobre Rosa e Machado, nossos papas.

Minha mulher tem um trato secreto com Cronos,

que indica didática especial com idosos de sua predileção.

Inclusive *me, myself and I*, eu entre eles.

Nem sempre cumprimos nossos acordos,

como o que inspirou meu poema Medeia aqui e agora:

a promessa de nunca procriar,

abandonada quando ela me disse que queria um filho meu.

O nome dele é Artur e herdou da mãe a capacidade

[de me educar:  
ele me instrui mais do que sou capaz de orientá-lo.

Maria Isabel venera a sempre bela e sempre lúcida

[Clio em sua fé

na história, cujas datas sabe todas de cor, ao contrário de mim,  
que nada sei, datas em particular.

Isabel esfria os estrondos de meu temperamento,  
[que me aflige,  
e ilumina as sombras de minha resistência, mostrando  
[meu talento  
reluzindo como moedas da Bíblia de todos os tempos.

Li Vingança, não sobre cangaço na infância e na maturidade,  
Releio-o aos 71, debruçado num volume que guarda cheiro  
[e calor da dona.

Ela é sacerdotisa da verdade factual e fugidia,  
cujo templo repousa em meu coração.

Ajoelho-me a seus pés, contrito com a devoção que merece;  
seu posto de onça feroz a vigiar o sono do filhote,

fazendo a sesta no quarto ao lado,

fruto de nosso amor e presente-mor

em qualquer Dia dos Namorados,

quando acende a lâmpada para alumiar  
este preto prestado à beleza e à sabedoria,

cujo brilho Fernão Dias contemplará ao ler Bilac

nas trilhas palmilhadas pelos bandeirantes

e desvendadas pelo mar manso dos globos oculares

da mestra-escola que amo neste momento

muito especial de minha juventude tardia.

Isabel me devolve a infância com gosto de quero mais,  
resgatada num verso maneiro de um poema de seu Olavo:

“E do céu, todo verde, as esmeraldas chovem...”



## MINHA TIA, NOSSA GENEALOGIA

Noite destas sonhei  
com tia Maria Elisa,  
sua cabeça, bandeira da paz,  
suas bochechas de Nhá Benta  
de Zé Bento Monteiro Lobato,  
seu sorriso, promessa de bonança.  
É uma lembrança feliz  
de minha infância no ermo.  
O calor dos abraços de titia,  
casada com nosso tio Dedé,  
também tio dela por parte de pai  
e meu tio-avô por parte dos pais,  
meio irmão de meu avô paterno,  
João Evangelista, pai de meu pai,  
um gaiato infrene, nada solene.  
E pleno irmão de minha avó materna.  
Ou seja, titia era sobrinha e cunhada  
de minha avó Quinou,  
que dizia que este neto era arteiro,  
um menino muito amostrado,  
mas, no fundo, uma boa alma,  
um generoso filho de Deus.  
Deus te ouça, minha avó.  
A “casa da fazenda”,  
como assim era chamada  
e a Deus era servida,

foi o reino de titia,  
seu castelo sem fada.  
Meus tios, sobrinhos dela,  
proseavam à luz do luar.  
O candeeiro só iluminava  
o documento papal  
que lhes abençoava a união,  
firmado por um tal de Pio XII,  
emoldurado e dependurado  
em lugar de honra na parede,  
considerado insigne parente:  
a sagração do sangue comum,  
no qual a saúde era apenas  
uma indulgência nada plena.  
E quando uma voz, no escuro,  
contava que alguém envelhecera,  
meu tio Quincas, historiador,  
fazendo a própria genealogia,  
solteiro paquerando prima,  
com quem faria prole  
para os galhos do arbusto,  
dizia que velho mesmo era o pai  
e, mais ainda, o avô. E eram, ora!  
Tio Dedé, mãos calosas da lida,  
prosa aguda de sabe-tudo da vida,  
era os quatro braços do casal,  
cão de guarda da rainha,  
sobrinha, mulher, dona e mãe,



naquelas noites que o tempo não guardou.  
Terezinha foi minha madrinha,  
levou-me nos braços  
e me apresentou à pia batismal.  
Geraldo e Geraldina, gêmeos homônimos  
do santo sempre presente, o tempo todo,  
são meus primos em primeiro grau,  
porque titia era irmã de papai  
e, em segundo ou sei lá que grau,  
porque meu tio era irmão de vovó.  
E meio irmão de vovô!  
Sonhei um sonho morno  
na cozinha da casa grande  
e no sonho estava Luíza,  
uma moradora abobada,  
silenciosa e simpática,  
que estava ali só pra ajudar,  
fazendo um pouco de tudo.  
E também estava Maristela,  
a prima que foi guardada  
para cuidar de minha bisavó,  
que chamávamos de Mãe Inda,  
apelido e rima de Laurinda,  
que meu bisavô Alexandre  
conhecera na porta do mano Vicente:  
um bebê abandonado por alguém.  
Minha bisavó nunca saiu da rede,  
mas não sonhei com nossas conversas

sobre fartura nos tempos do coroné.  
Sonhei no calor da cozinha,  
apesar de sombria,  
iluminada pelo fogo  
que aquecia o texto  
sobre cujas panelas  
tia Elisa mexia a sopa  
e fazia doce de caju  
espesso, escuro e único.  
A mãe de Terezinha era dama de salão  
e na cozinha seu aconchego  
produzia afeto e boa comida.  
Um veneno para diabéticos  
como ela, meu pai, nossos avós e eu.  
Sua voz, o doce mais doce,  
mais doce do que o de batata doce,  
contudo, não tinha venenos.  
E chamava o duas vezes sobrinho de filho.  
No sonho não éramos diabéticos  
e nos fartávamos do aconchego de titia  
e de seus doces caseiros  
com sabor de vida e saudade.

*(Poema escrito para comemorar a qualificação do doutorado de Isabel.)*



## BOA NOITE, ESPERANÇA

De manhã dou bom dia pro futuro  
na mulher que amo a meu lado na cama.  
E, quando a noite cai, beijo a esperança  
na mulher ao lado, que diz que me ama.

Mas tenho medo, e é muito medo,  
algo pode vir tarde ou chegar cedo,  
me olhando do outro lado da calçada,  
ou me esperando quando dobro a esquina:

Seja um carro veloz na contramão  
ou um tiro do revólver do ladrão.  
Pode estar escondido na cortina  
ou vazar com a faca a minha retina.

Mas, no fim da trilha ou no topo da escada,  
a paz me aguarda no riso da amada.  
Belo brilho dos olhos cor de mar  
no sabor de seu jeito de beijar.

Porque meu amor, quando me abraça,  
medo cai, tristeza vai, susto passa.  
Sinto força quando meu amor me olha,  
sol não arde nem queima, água molha.

Sem meu amor, o Brasil é uma pena,  
que se cumpre por castigo e sem dó.  
Com meu amor, o país vale a pena  
com cor, futebol e borogodó.

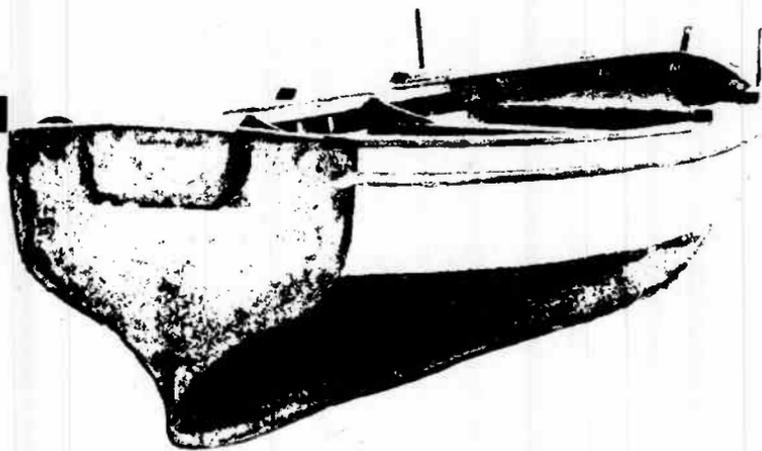
Sem meu amor, eu já teria dado no pé,  
mas meu amor mantém em mim a fé.  
A rua é prisão, dor e desespero;  
Em casa, eu acho conforto que quero.

*(Letra para melodia de Luiz Caldas para o CD A  
Nossa Bossa, de 2018.)*



2

ESCRITURAS  
PROFANAS



## QUERER DOS QUERERES

*Se alguém oferecesse todas as suas riquezas  
para comprar o amor, seria de todo desprezado.*

Cântico dos cânticos, 8:7

*Eu quero essa mulher assim mesmo.*

Mansueto

Eu quero essa mulher  
em Paris ou  
em São Paulo,  
mas sempre à mão,  
no coração,  
no hotel e no parque,  
na casa dela ou na minha,  
no banco do carro  
ou na escrivaninha,  
na Porta de Brandemburgo  
ou no escurinho do cinema,  
no salão ou na baia,  
na pista ou na palha,  
ao mar ou na praia.

Eu só quero essa mulher,  
seja à mesa, seja à cama,  
seja nua, seja crua



ou vestida de estrelas,  
resfriada ou menstruada,  
com pílula ou com DIU,  
no peito ou com jeito,  
no Realengo  
e na torcida do Flamengo,  
cantando em Avellaneda,  
combinando ou sequestrando,  
de pé ou deitada.

Eu grito e eu sussurro  
que quero a mulher  
de olhos fechados  
e braços abertos,  
de ouvido alerta  
e coração sem medo.  
eu a quero inteira  
e pedaço a pedaço,  
eu a quero imperfeita,  
mas completa,  
com rugas no riso  
ou lágrimas na face,  
ouvindo um bolero  
ou dançando um tango,  
e eu a quero tanto  
que nada mais vou querer:  
nem sorvete de café  
nem doce de caju

nem Mozart na vitrola  
nem Visconti na tela  
nem carne seca no feijão.

Eu quero essa mulher  
no cartório,  
no velório,  
quero renascer com ela  
e me mexer dentro dela,  
quero beijar-lhe os seios  
e lhe soprar a nuca,  
afagar seus cabelos  
e contar-lhe os pelos todos  
– os da cabeça e os do púbis –,  
pois a quero sem pudor  
e a quero com fervor.

Eu quero essa mulher  
como ela é, foi e será:  
deusa e puta,  
com patas de gata  
e gotas de luz.

Eu quero essa mulher  
e mais eu não quero,  
pois ela me basta  
(ela, tão casta)  
e ela me assusta



(ela, tão justa),  
chegando com o sol,  
partindo com o vento,  
ao abrigo da lua,  
ela é o que me resta,  
tudo o que presta  
e eu tenho pressa  
de cochichar indecências  
e gritar que ela é minha  
(não está mais sozinha),  
ela, que é mãe e linda,  
ela, santa e meretriz,  
ela, nutriz,  
eu quero essa mulher  
de todo jeito,  
no ar e na terra,  
na paz e na guerra,  
na chuva e na seca,  
na saúde, na paixão  
e na hora de nossas  
pequenas mortes, amém!

## SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

*Respondeu-lhe Jesus:*

*“O que eu faço, não compreendes agora,  
mas o compreenderás mais tarde”.*

João 13:7

Entre o sêmen e o ser  
A graça mansa e macia  
De com todos parecer  
E de todos se distinguir.

Entre o sêmen e o ser  
A suprema danação  
De tudo perceber  
E de nada poder fugir.

Entre o sêmen e o ser,  
O mistério da criação  
É não lhe ser dado ressurgir  
Nem mesmo plantado no chão.



## ECCE HOMO

*E Pilatos lhes disse: "Eis o homem!"*

João 19:5

*Je est un autre.*

Arthur Rimbaud

*Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio.*

Mário de Sá Carneiro

*El muchacho que camina por este poema,  
entre San Ildefonso y El Zócalo,  
es el hombre que lo escribe.*

Octavio Paz

*Meu coração tem catedrais imensas.*

Augusto dos Anjos

Aqui estou eu e ei-Lo,  
de corpo inteiro  
e alma em pedaços:  
o gordinho peidão,  
o "ilustre jornalista"  
(grande obra,  
dirá minha sogra!);  
o pai, o filho,

o espírito bufão  
de profanas escrituras,  
o neto, o irmão,  
o eterno suspeito.

Sim, aqui está o profeta  
das obras acabadas,  
o engenheiro  
das capelas imperfeitas,  
o arquiteto  
das cúpulas por acabar...  
O velho e o mar.

Eis a besta incompleta  
com avarias no pâncreas  
e a bile injuriada,  
um animal de razão média  
e meia mediunidade,  
incapaz de achar o meio  
no meio tom,  
no demi-sec,  
no meio médio  
(e no ligeiro).

Eu és um outro;  
tu é um outro;  
ele sou um outro.  
Nós sois o Outro;



vós são o Outro;  
eles somos o Outro.

Velho demais  
para ser Arthur  
e moço de sobra  
para ser Joaquim,  
sou apenas eu,  
embora, para o Outro,  
eu seja o outro  
e não seu oposto  
nem seu espelho.  
Para ele, o Outro,  
eu sou um todo,  
não soma de partes,  
nem meu avesso,  
verso ou reverso,  
não o meu sexo  
nem o meu osso  
(ou o meu nexa);  
não o meu credo  
nem o meu medo  
(ou meu credor);  
não minha raça  
nem minha cor  
(sob a epiderme).  
Assim mesmo,  
dentro de meus limites,

meus vícios  
e virtudes,  
as vicissitudes:  
aquém da rinha constante,  
além da linha do horizonte.  
Eu, um gameta,  
o Outro, um planeta.  
E o Outro fora de mim,  
como eu quase sempre  
e quase nunca:  
débil e corpulento  
(débil corpo lento  
do boneco João-teimoso!)

E aqui estamos, eu e Deus,  
só nós dois no sertão da existência,  
eremitas a esmo  
no ermo:  
como de hábito,  
entre o inóspito  
e o que não se habita,  
entre o insólito  
e o que não se imita,  
entre o que é certo  
e o que nem se sabe.  
Deus e eu,  
a dupla improvável,  
o impossível trio,



a Santíssima Trindade  
resistente ao escasso  
(o quase nada,  
que ainda  
é quase tudo,  
e é cego  
e é mudo).

Quando eu crescer,  
Senhor,  
eu quero ser pastor,  
poeta ou professor:  
um homem de bem,  
como o foi meu pai;  
reto e ordeiro,  
como meu filho é;  
bravo e direto,  
como for meu neto.  
Quando eu crescer,  
Senhor,  
não almejarei fortuna  
nem glória vã,  
só um sono justo.  
(Será um sonho justo?)  
Quando eu crescer,  
Senhor,  
vai me restar  
ser como fui,

como ainda sou:  
capacho capaz,  
breve e válido,  
elástico curvo  
como a haste  
do junco magro  
partida pelo vento,  
sonoro e fluido,  
pencira e pente.  
Quando crescido,  
serei semente,  
Senhor,  
ou serei serpente?

Eis o homem, afinal:  
fagulha perdida na Galáxia,  
centelha apagada no Caos  
de antes da gênese,  
projeto adiado,  
Pégaso parado,  
fósforo soprado,  
brasa no borralho,  
já quase podre,  
já quase cinza.

O Outro pensa que está  
incomodado em minha pele.  
A sombra do Outro

se projeta em minha íris  
e se acomoda nos meus rins,  
solo de inválida solidão,  
rasgando a noite do século  
com a tesoura do texto

- a textura do grão
- a pintura do vão
- a gastura do não.

Mas me move a paixão,  
que só faz doer.  
Quanto ao Outro,  
O move a fé,  
a fé de crer  
e a de crescer,  
que regurgita  
e ressuscita,  
a fé contrita  
(e eu, sibarita!)

Dentro do Outro,  
eu sou veraz,  
mas fora d'Ele,  
fora de mim,  
Ele se contrai.  
O Outro em mim habita:  
quando eu parto,  
Ele cai.

O Outro me excita:  
quando eu perto,  
Ele trai.

O Outro me irrita,  
quando eu porto  
e Ele caís.

O Outro é mais.  
Eu sou eu  
e meus instintos bestiais.  
Eu sou eu  
e minhas fossas nasais.  
Eu sou eu  
e meus espasmos cerebrais.  
Eu sou eu  
e minhas crises de riso.  
Eu sou eu  
e minhas visões do Paraíso.  
Eu sou eu  
e minhas falhas de juízo.  
O Outro é siso.  
Eu sou eu  
e meus cabelos brancos.  
Eu sou eu  
e meus cavalos mancos.  
Eu sou eu  
e meus íngremes barrancos.  
E o Outro, aos trancos.

Eu, mato;  
o Outro, oceano.  
Eu, cacimba;  
o Outro, fonte.  
Eu quintal,  
Ele, horizonte.  
Eu, rumo;  
Ele, rima.  
Eu arrimo;  
o Outro mira.  
Eu jamais  
e Ele sempre.  
Eu, espinho,  
o Outro, flor.  
Eu, caminho;  
o Outro, amor.  
Eu prazer;  
e Ele, reza.

Não caibo em mim,  
quando me farto.  
Não saio de mim,  
quando me ajeito.  
Não fico comigo,  
quando me aflijo  
e me aleijo.

Pobre de mim  
quando falo  
(ou calo).

Pobre de mim,  
se me dói o calo.

Pobre de mim,  
valha-me o falo!

O Outro, o traço;  
e eu, destroço,  
um troço  
(ele, tremoço  
e eu, nó de caroço)

- o remorso
- o recurso
- o defluxo
- o refluxo

Eu já fui moço,  
o Outro não envelhece.  
Eu tenho história,  
o Outro tem futuro:  
eu, feira,  
o Outro, Fórum.

Não ando sobre minhas pernas,  
não trabalho com meus braços,  
não molho o pão com minha mão  
(o Outro é meu pulmão).



Não salto com minhas pernas,  
não solto com meus braços,  
não parto o pão com minha a mão  
(o Outro é meu coração).

Nem mesmo possuo pernas,  
nem sequer conto com braços,  
quem disse que tenho mão?  
(O Outro é meu Pigmaleão).

Sou nativo de mim,  
sou ativo de mim,  
sou cativo de mim,  
o Outro é meu grilhão.

Não sou eito de mim,  
não sou feito de mim,  
não sou jeito de mim,  
o Outro me salva.

Se escapo de mim,  
se escopo de mim,  
se me esfolo de mim,  
o Outro me inspira.  
O Outro é minha transpiração.

O bode berra,  
o padre prega,  
o conde dança:  
ninguém acudirá o acaso,

nada abolirá o atraso,  
nunca se adiará o prazo.

A vida é curta,  
a arte é puta,  
a tarde é parte.  
A morte é certa,  
a porta, aberta,  
e a praia, ao longe.

Eis, enfim, o fato consumado:  
no fim,  
só serei o Outro  
quando morto

e sepultado.



## STABAT MATER

*Stat mater dolorosa dum pendet filius*

João 19:25

*Stabat mater dolorosa*

*Juxta crucem lacrimosa,*

*Dum pendeat filius*

Atribuído a Frei Jacopone Da Todi

Quando eu nascer,  
mamãe vai sorrir  
aquele sorriso beato  
que só as mães sabem dar:  
um pouco por se ver,  
um pouco por ternura;  
um tanto por me ter  
e outro por tontura.

Quando eu me criar  
(bezerro desmamado),  
vou beber e tragar  
seu leite morno  
– um pouco de proteína,  
um pouco de gordura;  
um tanto de escassez  
e outro de fartura.

Quando eu crescer,  
seu coração vai pulsar  
ao ritmo de bater  
de versos ditos de cor,  
um brilho de som  
na noite escura:  
palavras de candura  
rompendo a pausa  
da infância vaga.

Enquanto eu viver  
(ser despido de lembranças),  
ela vai gargalhar  
de cada travessura  
e vai me punir  
por cada travessura.  
Terei sua bênção,  
sendo sua graça  
ou sua tortura.  
Se terei!

Quando eu morrer,  
esteja ela onde estiver,  
aqui no planeta  
como no jardim do céu,  
minha mãe vai padecer  
e vai gemer,  
minha mãe vai verter



seu pranto adocicado  
e o leite derramado  
do peito esfomeado,  
sobre o leito esparramado.

E, aí, minha mãe vai renascer  
nos filhos que eu tiver,  
e vai crescer de novo  
nos netos que eu lhe der,  
e vai viver pra sempre  
nos versos que eu fizer:  
cantigas de amor  
na terra bruta,  
na grama dura,  
o infinito grão.

*(Em 8 de janeiro de 2001,  
um dia após o batizado de Vinicius.)*

## AI, QUE DELÍCIA!

*Teus lábios são favo escorrendo o mel  
ó minha noiva;  
mel e leite estão sob tua língua.*  
Cântico dos cânticos 4:11

*A serpente disse, então, à mulher: “Não, não  
morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que  
dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e vós sereis  
como deuses, conhecendo o bem e o mal”.*  
Gênesis 3:4-5

*E vendo uma figueira à beira do caminho,  
foi até ela, mas nada encontrou, senão folhas.  
E disse à figueira: “Nunca mais produzas fruto!”  
E, no mesmo instante, a figueira secou.*  
Mateus 21:19

Meu amor por você  
tem chama de vela  
e fulgor de estrelas.  
Meu amor por você  
é forte que nem Sansão  
e frágil qual um bebê.  
Meu amor por você  
fere como espinho



e cheira feito jasmim.  
Meu amor por você  
é marítimo e é celeste,  
leal como um cão de guarda,  
traí feito aquela serpente  
no jardim do Éden.

Menor que um verme qualquer,  
meu amor por você  
é de tal tamanho  
que nem no mundo cabe.  
Meu amor por você  
convoca o silêncio das naves  
e provoca o ruído das betoneiras.

Estéril como a figueira da Bíblia,  
meu amor por você  
dá flores e frutos  
nas quatro estações.  
As penas das asas das aves  
e a cal dos pilares do templo  
são feitas de meu amor por você.

Meu amor por você,  
do tamanho de um grão,  
fecunda a terra inteira.  
Meu amor por você

ganha medalhas por bravura  
e se esconde sob os lençóis  
(é que meu amor por você  
é assim caprichoso:  
vai à guerra  
e faz a paz,  
dorme um sono de inocente  
e desperta da insônia do herói).

Tortura e delícia,  
meu amor por você  
caça e veleja,  
derruba e constrói.  
Meu amor por você  
pinta o sete  
e borda pontos de cruz.  
Não sei como  
nem sei por quê.  
O que sei mesmo  
é que amo você,  
de um jeito áspero  
e de um jeito suave,  
ao sol e à sombra,  
ao abrigo ou ao relento,  
com doce de mel  
e amargo de fel,  
com finesse cafona,



calor de lava do Vesúvio  
e frio de avalanche no Everest.

E você nem sabe de nada,  
pois não estou contando tudo!

## MADEIRO

Meu pai está no céu  
e me mandou o dom da vida  
pousar do beijo de um colibri.  
Quando a semente caiu,  
o ventre virgem de minha mãe a estreitou.  
Debaixo do regaço da terra,  
me nutri da lava dos vulcões,  
bebi a água limpa dos lençóis  
e suguei a força fétida  
da matéria apodrecida.  
Cresci no seio da relva,  
vesti as cascas do tempo.  
Soprei ventos primevos,  
trazidos dos campos,  
onde o trigo fenece.  
Destilei o perfume das flores  
e o sabor dos frutos da estação.  
Refresquei com o orvalho de meu pranto  
o asfalto que me queimava os pés.  
à sombra de minha presença,  
abriguei carícias alheias,  
e em meus membros  
espalhei ninhos e espinhos.  
Cantei canções ancestrais  
nas línguas mortas das aves,  
que não me deixam calar.



Fixaram com cravos minhas pernas  
neste bosque de piche e aço.  
Agora, eis-me aqui, de novo,  
disposto ao perdão,  
pois para isso fui pregado.  
Abro bem os braços  
e deixo o peito à vista:  
meu velho coração vegetal  
só carece de um olhar caridoso  
para pulsar sua compaixão.  
Olha bem pra mim,  
transeunte urbano  
de minha agonia!  
Enquanto me encontrares,  
teu pulmão de cristal  
não vai se estilhaçar.

*(Legenda bíblica para uma foto de Zé Pinto  
de um tronco encravado no asfalto diante do  
Teatro Municipal de São Paulo.)*

## GABRIEL – A VISITA

*O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi*

Lucas 1:30-32

Vieste dizer que vinha o Sol  
e veio o galo cantar três vezes  
só para negar o Menino;  
viajaste nas nuvens  
para que chovesse  
e uma tempestade de pó  
cobriu plantas, casas e animais  
com um manto seco e sinistro;  
carregaste bênçãos em teu bernal  
e a serpente da maldição  
nelas se escondeu;  
deste conta de graças  
e a desgraça as acompanhou,  
à sorrelfa;  
contaste à Virgem  
que seu Bebê obraria maravilhas  
e Seus irmãos O executaram,  
de tocaia;



trouxeste a boa nova  
de um Pai severo  
e a Mãe se derreteu  
em gozo e delícia,  
mas a desmancharam  
em pranto e cólicas.

Ainda assim, o fogo que ateaste  
fez arder a sarça  
e alumiou a noite escura;  
e o amor que anunciaste  
deu rumo a um rebanho tresmalhado  
e civilizou uma raça de bárbaros.

Volta, Arcanjo,  
desce e entrega  
novas propostas de paz  
e cartas com letras de luz.  
Canta hinos de encantar a vida  
para espantar a morte  
e faz brotar do imprevisto deserto  
e mesmo do impossível mar,  
que não virou sertão,  
algo que se possa chamar de  
futuro.

*Campina Grande, 5 de janeiro de 2003  
(Após o batizado de Vinicius.)*

## OS DEZ MANDAMENTOS DA BARBÁRIE

*Todo este povo, no meio do qual estás,  
verá a obra de Iahweh, porque coisa terrível  
é o que farei contigo.*

Êxodo 34:10

*La rabia  
se volvió filósofa,  
su baba ha cubierto al planeta*  
Octavio Paz, “Nocturno de San Ildefonso”

*And I'll stand o'er your grave  
'til I'm sure that you're dead*  
Bob Dylan, “Masters of War”

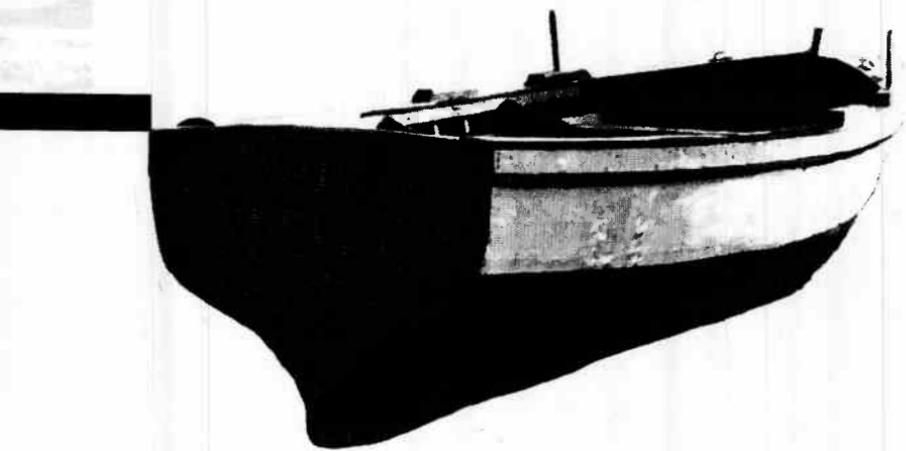
Furarei teus olhos para que não vejas o Inferno  
e te explodirei os tímpanos para não ouvires indecências.  
Arrancarei teu coração porque o amor é porco  
e pisarei em teu calo porque a dor redime.  
Vou te marcar a ferro para que sempre te reconheça  
e queimarei teu corpo para que ele não ocupe meu espaço.  
Prometo não descansar enquanto o vento não soprar tuas cinzas.  
Minha sarça vai arder e jogarei incenso na fogueira,  
minha reza é brava, meu corpo está fechado  
e a baba de minha alma vai envenenar o universo.

*Manhã de sábado, 21 de setembro de 2002*



3

A VIDA  
COMO ELA É



## ÀS CINCO DA TARDE

Entre o touro e a areia  
Dormem injustos  
O sono dos justos.

Entre o touro e a plateia  
Correm os pobres  
Os riscos dos podres.

Entre o toureiro e a praça  
Firmam um pacto  
Os patos e os tontos.

Entre o toureiro e a areia  
Tocam os sinos  
O dobre dos santos.

Entre o touro e a praça  
Dançam os sãos  
A dança dos doidos.

Entre o toureiro e a plateia  
Ungem-se antigos  
Com o óleo das plantas.

Entre o toureiro e a areia  
Pecam os moços  
Pecados primeiros.



Entre a capa e a espada  
Conspiram possessos  
Na treva do paço.

Entre o touro e o toureiro  
Aspiram mordanças  
Os padres no fosso.

Entre a capa e o cachaço  
Murmuram desídias  
As pedras no poço.

Entre a espada e o cachaço  
Rumina o touro  
Seu curso de cão.

Entre a capa e a areia  
Habita o toureiro  
A casual solidão.

Entre a espada e a areia  
Move o toureiro  
Sua gana de pão.

Entre a capa e a plateia  
Mata o toureiro  
Sua fome de irmão.

Entre a praça e o touro  
Morre a fome  
Letal da ilusão.

Entre a praça e o toureiro  
Vive a massa  
Seu dia de pão.

Entre a praça e a areia  
Evapora-se a água  
Cheirando a sabão.

Entre a espada e a plateia  
Um anjo caído  
Brinda a devastação.

Entre a tarde e o touro,  
A noite caída  
Desata a paixão.

*Natal, madrugada de 6 de janeiro de 2000*



## ODE AO PÓ

Açúcar é assim:  
brilho vermelho na melancia,  
mancha verde na uva-Itália  
e na maçã verde,  
mas todo branco quando só  
e branco inteiro enquanto pó  
(força de fortes,  
droga de débeis).  
Gelado e molenga  
no sorvete de açai;  
a cara-metade do caramelo,  
embebido em compressas,  
tostado em fogo lento.  
Há açúcar na polpa  
e açúcar na papa.  
Há açúcar do engenho,  
de forno e fornalha.

Açúcar é assado:  
o suor do camponês pulverizado,  
sacos de cristal na prateleira,  
valendo ouro no mercado,  
virando merda no organismo,  
bela merda,  
doce merda,  
...merda...

Açúcar é assombro:  
à sombra do Hades,  
as águas do Ganges;  
panaceia do avesso  
e dor das paixões  
e cor das paixões  
se esparramando, líquida,  
na esclerose de minhas veias,  
minhas veias velhas.  
Veneno e garapa,  
a mó, o mel, o mal,  
a morte feito gosto  
invade meu sonho,  
me habita o pesadelo  
num aviso de sol morno:  
o passo lerdo,  
o pinto casto,  
o cuco morto.  
E dá sinais de olho posto:  
a vida breve,  
a arte curta,  
o gole brusco,  
a cinza fria,  
um dó de peito  
e o pó sem fundo,  
ao qual haveremos  
de tornar  
– todos.



## GARATUJAS DE BAR

A verdade verdadeira,  
a verdade profunda,  
aquela que espreita  
na Falha de San Andreas  
e vive na Gruta do Maquiné;  
a verdade dos peixes  
que nadam no atol de Mururoa,  
não se encontra em antologias,  
nos romances de amor,  
nos tratados de filosofia,  
nos livros de poemas  
nem nos jornais,  
nas revistas  
ou nos noticiários  
do rádio e da TV.  
A verdade nua  
– o romantismo tardio  
do “Adagietto” de Mahler –;  
a verdade fria do iceberg  
que afundou o Titanic;  
a verdade crua da pedra ume  
que afiava o cinzel do Aleijadinho,  
esculpindo profetas;  
a verdade úmida e rósea  
da mucosa que se perdia  
entre os pelos e as pernas de Salomé

e da língua entre os dentes alvos  
de Salomé;  
a verdade cruel  
do bigodinho de Hitler  
e a verdade alegre  
do bigodinho de Chaplin;  
esta verdade adolescente,  
sadia e doente,  
esta verdade febril,  
ela não está nas canções  
de Rodgers e Hart  
nem nos cocos de Dona Selma  
ou nos sambas de Cartola.  
Ela não sente dor de cotovelo  
nem veste cuecas samba-canção  
ou calcinhas de renda do Ceará.  
Esta verdade só se acha  
na poesia  
dos guardanapos de papel  
de algum boteco da Lapa,  
manchada de sangue e sêmen,  
suor e cerveja.



## POEIRA DE ESTRELAS

Do norte do norte  
as águias decolam  
para voos sem volta.  
Lá, tudo começa:  
a voz do mudo,  
a vez do mundo.  
No norte do norte  
as águas brotam do solo  
e o fogo se consome,  
queimando a cera do tempo.  
No norte do norte,  
mora Deus,  
o dono da sorte,  
pelo menos à noite.  
Lá se consuma o pecado  
de cada um,  
surgido do zero.  
No norte do norte,  
da terra é soprado  
o barro humano,  
bafo de vida.

Ao sul do sul  
as águias sempre voltam  
de voos sem ida.  
Lá se chega sempre ao nada,

ao nenhum talvez,  
decerto a ninguém.  
No sul do sul,  
as águas se lavam  
em si mesmas.  
E o fogo se extingue  
em cinza morna.  
No sul do sul,  
Deus vive de dia,  
na casa de sempre,  
erguida sobre ocos do vazio.

Lá, se colhe  
a semente da morte  
na seara das virtudes  
de todos,  
abrigados no sem-fim  
do infinito.  
No sul do sul,  
o último sopro,  
matéria divina,  
solfeja adeuses  
em lábios selados.

Entre o sul do sul  
e o norte do norte  
a leste e oeste, o medo  
traça o destino parco



de quem se sente imenso.  
Entre o começo do fim  
e o fim do começo,  
o compasso do verso.  
Lá Deus repousa  
a sesta do guerreiro da paz  
à sombra da luz das estrelas.  
O sono divino  
vela a angústia do homem de não se saber  
apenas um sonho,  
nem sempre um pesadelo,  
mas inevitavelmente  
uma miragem de fumaça,  
uma nuvem opaca  
de pó seco  
e denso mistério.

*São Paulo, madrugada de 29 de abril de 1997*

*(Zé Ramalho musicou a primeira estrofe deste poema e gravou um bellissimo mantra com a ajuda poderosa de Sandra de Sá, sob o título de O Norte do Norte no CD Parceria de viajantes.)*

## DECOMPOSIÇÃO DA FOLHA

Verde, que te quero  
verde em Lorca,  
verde em cloro,  
verde em fila  
– clorofila –,  
verde-íris  
no brilho do olho,  
no embrulho do mundo,  
no globo ocular  
e no globo escolar,  
na pele das plantas  
(à flor da pele)  
e no pano do mar  
(o mar, quando quebra na praia,  
é bonito, é bonito),  
mar de cana  
(mel de caiana),  
oh, verde mar  
das brisas do Brasil  
(êta, mundo velho sem porteira,  
que goteira,  
sem eira nem beira).  
A lógica do eco:  
verde imenso,  
verde amansa,  
verde amaina,



verde amanha  
(e o verde amanhã?).  
Verde, que te quero  
ver  
(no verde farfalhante das palmeiras,  
onde canta o sabiá):  
o que vai ser de mim, hein?

*Madrugada de 20 de janeiro de 1998  
(Legenda da foto de Zé Pinto num álbum  
que teve Amazônia como tema.)*

## FUNDAÇÃO DO PAI

Desembarquei na vida a bordo de teu corpo. Em algum lugar incerto do passado mais remoto, antes de ser este pedaço de carne inquieto e buliçoso, intranquilo e belicoso, fui um naco de algum sonho teu. Eras meu elo com o passado, o cordão umbilical que me ligava às origens do planeta e das estrelas.

Perdi a memória ainda no útero de tua amada, pai. Não me lembro mais das priscas eras em que navegava em teus neurônios. Nem sei das vezes sem conta em que fui engendrado na cerveja que bebias e fui expelido no trovão de teus arrotos e reincorporado a ti no ar fresco da manhã, que sorvias. Ah, eu não me lembro mais, mas sei que estava lá. Antes de estar contido na gosma que expeliste num espasmo de amor sem fim e de prazer sem início, eu era um tique teu, um tico teu, um taco teu, existindo plenamente na minha inexistência. Sim, inexistente ainda, eu existia em ti, era teus planos, cometi teus enganos, me dissolvi em teu pranto, me perdi em teus passos.

Tu não me sabias ainda, mas eu já era teu, então, quando ainda nem havia. Era o ainda não, mas já era, sim, o prolongamento de tua vida, a sequência de tua morte, o produto de teu orgasmo. Eu não te via, então, meu pai, naquele tempo, o



tempo em que eras apenas filho. De certa forma, um filho meu, que havia chegado antes de mim. Pois, sim, eras fruto de meu ventre estéril, única testemunha, então, de meu futuro. Não havia ainda eu, era impróprio, assim, chamarmo-nos de nós e, no entanto, eu já era o sentido de tua existência. Um entre tantos. Um sentido entre todos os significados que uma vida pode ter, para que a morte não venha a ser apenas o vazio, como sabia Otávio Augusto, imperador e soldado, e escreveu outro Octavio, o Paz, guerreiro da luz.

Quando desembarcaste da matéria, foi aí que percebi, eu mesmo, que antes nada havia percebido, que eu fui tu, antes de ser eu mesmo. Só que não me multipliquei, eu mesmo, em tantos, como tu fizeste – tu mesmo, eu e todos os meus irmãos. Tu mesmo, eu e os filhos. Eu mesmo, tu e os filhos de meus filhos, os que virão e os que ficarão apenas no projeto, no desenho caprichoso da vida, esta vida de caprichos.

Quando te fizeste matéria, na consubstanciação definitiva, nesta comunhão mineral da origem e do perecimento, foi de repente que me senti só. Eu, sozinho, e tu, também sozinho. Tu, mineral a meu lado, teu rosto imperturbável, no rictus definitivo. Eu, animal a teu lado, eu, mais morto, e tu, mais vivo do que nunca. Tu, vivo em mim, manifestando-te no oxigênio que eu inspirava. Eu,

morto em ti, tornado fluido, o gás carbônico, que nem mais expiravas.

Naquele momento, veio-me uma imagem da infância. Andávamos nós dois – e, então, já podia usar este pronome pessoal direto plural, pois existíamos mesmo, éramos matéria em movimento, almas em harmonia -, pisávamos a calçada de pedras, como se fosse um tapete. Seguravas-me pela palma da mão. Vinha dela uma tepidez de útero, um calor vital, uma temperatura profana, como só a cumplicidade incestuosa daquele instante poderia propiciar. Tu pisavas nos ladrilhos, distraído, e eu prestava atenção em tudo. O mundo, em meu redor, ganhava uma ordem, capaz de superar qualquer caos, um caos qualquer. O mundo em meu redor não admitia desordem alguma, nem a dos teus passos desiguais, nem a da luz difusa do sol, esmagando letras pintadas em placas de rua.

E, de repente, fez-se o caos, no instante exato, no qual a mão que me guiava se soltou, me soltou. Pousou em mim a sombra fria de Hal, o computador enlouquecido de Arthur Clarke, tornado imagem por Stanley Kubrick. Sim, a imagem de Hal, a máquina doida, na aurora do século 21. Tu não te lembrarás de Hal, personagem de Clarke e Kubrick. Não leste o livro. Não viste o filme. Li o livro por ti. Vi o filme por ti. Mas me soltaste, como Hal. Mergulhei no vazio do caos, no mundo



desordenado que meus filhos, nossos filhos, herdarão. Os meus, os teus, os nossos.

Perdi-me de Neandertal. Faltei ao encontro com cro-magnon. Sem ti, como chegar ao paleolítico? Hoje, sem ti, ou seja, sem mim mesmo, sem o eu, que existia antes de existir, o passado é mais misterioso do que pode ser o futuro. O passado, um poço escuro, sem água. Um poço vazio. Sem ti, meu pai, gênese e deuteronômio, fui deserdado da genética.

E, agora, tua inexistência, que existe em mim. Sísifo, dobro-me ao peso inexorável da pedra de viver, da pedra de rolar, da pedra de deitar a cabeça para dormir, encostar a cabeça para chorar. Encosta tua cabecinha no meu ombro e chora! Sinto-me um estranho médium, te transportando em minhas veias adocicadas, minhas veias erodidas pelo açúcar, a usina de tua herança. Assim como, antes de eu existir, tu me transportavas nas tuas, também açucaradas. Agora, sim, eu carrego, sem ônus, o peso leve de tua inexistência. És o sal de minhas lágrimas, o timbre de minha voz, o ritmo de minhas gargalhadas. Testemunhas meus erros, acompanhas meus passos, os nossos, te perdes nos becos escuros de minhas perplexidades, as nossas.

Encaras-me sem rancor. Não vês, mas as maçãs de meu rosto estão dependuradas nos galhos de tua macieira, no Éden perdido. Não ouves, mas meus gritos de dor percutem nos tambores de tuas

angústias. Se gozo, ris. Se gemo, soluções. Quando me resfrio, espirras.

Agora, que não estás mais aqui, és a mais acabada presença de minha ausência. Quando chegaste, eu não te esperava. E, no entanto, de certa forma, de todas as formas, das formas mais primitivas, eu cheguei contigo, desci contigo das trompas de minha avó, dos canais lacrimais de minha avó, dos braços alvos de minha avó, do sorriso furtivo de minha avó. Eu cheguei contigo, eu chorei contigo, eu chamei contigo. Chegaste e eu vinha chegando, esboço inacabado, esbulho tramado, esforço clamado. Berraste e este foi meu berro mais primevo, meu primeiro berro, meu berro primal. Se Freud não explicasse, Darwin explicava. Choraste, eu berrei. Bebês, os dois, mamamos, fartos, nas tetas de minha avó, tua mãe.

Agora, que não estás mais aqui, sou a mais primitiva ausência de tua presença. Quando cheguei de vez, tu me esperavas. Tu esperavas tua vez. Eu fui a vez que esperavas. Chorei e riste. Berrei e suaste. Quando sorri, aquele riso, um sorriso todo de gengivas, tomaste cachaça com mel de jandaíra, cuspiaste no chão e me chamaste de maganão. Beijaste o rosto iluminado de minha mãe, como se ela tivesse parido o menino-deus naqueles ermos da geografia e da história do Brasil, naqueles capítulos sem número, naqueles textos sem autor. Aí,



balbuciei sílabas sem nexos e tua vida ganhou um nexo inesperado. Meu primeiro dente te garantiu a eternidade. A primeira palavra que falei te brindou com a consciência de que até mesmo o infinito não dura para sempre, mas é apenas um lugar incerto, onde se encontram as paralelas na geometria.

Agora, que não estamos mais aqui, somos apenas presenças ausentes ou ausências presentes, já que a ordem dos fatores não altera o produto. O produto, este produto, foste tu, tocando trompete nas tardes emboloradas de calor do sertão distante. Tu, sim, foste produto de teu pai, o sátiro meu avô, o língua-de-trapo, o boca-de-sapo. E eu, produto de teu produto, sangue de teu sangue, osso de teu osso, carne de tua carne.

Agora, que tua carne já não cobre mais teus ossos, transpiras pelos meus poros, suas uma velha camiseta do Flamengo, o manto sagrado, que não visita mais minha tia, que não visita mais os estádios de futebol, que não visita mais a sede da banda de música, que não visita mais quem havia de visitar. Percebo-te no espelho, toda manhã. A espuma de barbear descortina o brotar disforme dos pelos sobre meu queixo. Percebo-te no ângulo do mesmo queixo. Se me irrita, uma forma de te imitar. Se faço malfeito, um jeito meu de criticar teu perfeccionismo ultrapassado, obsoleto. Minha garganta emite sons, constrói palavras, que já pronunciaste, sem nunca as ter falado.

Sim, senhor, aqui estás, rei de minhas idiosincrasias, começo e fim de meus afetos. Ainda me repreendes, quando dou passos em falso, e me incentivas, quando caminho para frente, como sempre gostaste que eu fizesse. Sinto-o na própria pele.

Quando Dudu morreu, o pai, Toninho, mistura de terno e mau, disse que, com a partida do filho, ele passava a ser mais, a ser dois. Isso também vale para a partida do pai. Quando parte o pai, o filho passa a ser o dobro de si mesmo, o primeiro elo da cadeia, a corda jogada sobre o precipício, o nó górdio, que envolve o pesado fardo de viver. Minha mão, estendida sobre o abismo, é extensão da tua. Minha pele, esticada no curtume, o mapa de tuas trajetórias, entradas e bandeiras, percursos e paradas. Quando sigo, arfas. Quando paro, repousas. A ponte, que lançaste sobre o cânion, ainda está lá, rija e flexível, pronta para me amparar, mas só se eu ainda tiver forças para seguir pendurado nela.

Lembro-me do nascimento de meu filho, teu neto, teu filho com açúcar, teu filho dobrado. A enfermeira o exibia. Pela vidraça do berçário, seu rosto encarquilhado fazia uma careta disforme e profana. Mas eu não pensei em meu filho, teu neto, teu filho vezes dois. Pensei, sim, foi em ti, nas noites em que as incertezas da vida roubaram teu sono. Aquele talvez tenha sido o dia mais impor-



tante de minha vida incomum, e da nossa comum, que começava ainda ali a viver por ti, pois o bebê, ainda meio melado de placenta doce, me transmitia, em seus esgares, laivos de lucidez sobre este nosso imperdoável, este nosso inexorável exercício de guerrear à sombra, nesta Termópilas de cadáveres empilhados, secando no solo, tradução inexata da falta de sentido de nosso trajeto pelo planeta.

Entre pai e filho não há segredos nem mistérios. Entre pai e filho há uma relação de fundadores. Falamos a língua da gênese. Fundamos lares, cidades, destinos. Somos todos primogênitos, não nos vendemos por um prato de lentilhas. Nós dois, nós três, nós mil, nós milhões – e mais Paul Auster, mais Philip Roth, mais todos aqueles que escreveram sobre ti e sobre mim e sobre nosso filho comum, meu filho, teu neto. Nós todos, os príndigos do mundo, voltamos à casa avoenga e debatemos o destino e a política, a valsa e o fado, a economia e a monotonia, sentados em cadeiras que giram, com o rosto cheio de espuma e o coração gordo de esperança, esquálido de medo, músculo que se contrai e se distrai, carne de abrir e de fechar, chave de viver e de dançar o tango argentino, no cofre do peito.

Estamos congelados, pai, nós, os sem-mistério, os gozados gozosos. Vamos voltar, quando Hal for sucata. Vamos estar aqui novamente, nós dois e o mundo, nós três e as cidades povoadas de



pais solteiros e filhos casados, pais vários e filhos únicos – como Aquele que bebeu o fel servido pelo centurião, como Aquele que debateu com os doutores no templo, como Aquele que sabia que eles não sabiam o que faziam. O mundo, este grande deserto de caçulas, será uma vez mais, um ponto de partida e de parada, nosso porto de desembarque, amanhã, quando, de novo, nossa matéria mineral se tornar orgânica e o calor derreter a gordura de nossos ossos.

Nós estávamos aqui, com os polegares er-  
guidos, a exigir pão e circo, quando Marco Auré-  
lio, o imperador-filósofo, engendrou Cômodo, o  
monstro, o gladiador. E estaremos rondando por  
aí, quando mundos novos se dispersarem numa  
poeira de estrelas, que se fundirem num gás, en-  
gendrando novas galáxias e um universo novinho  
em folha, novinho em fé, novinho em falhas. Pre-  
senciamos Paulo, o apóstolo, parir a Europa inteira  
– aquele judeuzinho quase sírio e helenizado, ci-  
dadão do império, cidadão do mundo, cidadão da  
Ásia Menor, a criar toda uma civilização. E não fal-  
taremos ao encontro marcado com o futuro – nós,  
que voltaremos a inexistir, exatamente por termos  
existido, já que a única condição para a inexistência  
, haver existido. Cada qual na hora de cada qual:  
Guilherme Tell espetando a maçã na ponta da seta;  
Heitor defendendo a ara, a tribo, a cidade; Abraão



conduzindo Isaac pela mão ao altar dos sacrifícios;  
o pai da fábula matando um boi para alimentar o  
rebento estroina de volta ao lar.

Chegaste para fundar destinos: chegamos.  
E partiste, partimos – eu mesmo fundado, tu mes-  
mo fundando, ambos fundadores de nós próprios  
e dos outros, o inferno, o inverno de nossas vis de-  
sesperanças. Frequentas meus sonhos, porque velas  
meu sono. Não descansas, enquanto eu mesmo ve-  
lar. Adeus, pai. Até a volta.

## SERÁ UMA VEZ

No dia em que chegar o dia,  
nem é preciso que eu esteja pronto,  
enfatiotado para a viagem de rumo incerto  
e com bagagem feita, além de minha nudez.  
Na hora em que chegar a hora,  
a hora incerta, a que não tem seguinte,  
pretendo apenas estar sóbrio e lúcido,  
para me servir de boa companhia,  
pois longa será a travessia  
e não haverá a chance de chamar alguém.

Quando chegar a visita que não se espera,  
não lhe servirei café na xícara  
nem terei palavras para lhe saudar a entrada.  
Quero estar mudo como a matéria, que serei de novo,  
pois quanto mais houver silêncio num adeus,  
mais comovido será o momento.  
Não importa quanto o tempo vivido,  
pois será sempre escasso.  
Nem a saudade que fica conta,  
pois sempre haverá o vazio imenso...

Quando o dia chegar, sem aviso,  
não haverá testamentos a assinar  
nem encontros combinados a confirmar,  
muito menos o testemunho de minha ausência.



Será, como sempre, numa hora precária,  
pois, afinal, precárias são todas as horas  
e, pelo menos para quem fica, ela terá  
a vaga importância que têm todas as horas.  
Reservo-me apenas o direito de sonhar sozinho  
o sonho definitivo do último sono,  
o delírio final da razão partindo  
e o último alento da visão, que escapa.

Não é lícito escrever tanto sobre estas coisas  
nem cabe aqui descrever o não sabido,  
que, no entanto, é só o que se sabe.  
Sei apenas que sou pó  
e, quando voltar ao pó, de onde venho,  
gostarei de ter passado como um cometa,  
não apenas um meteorito tonto  
a esmagar as pedras que rolam no caminho.  
Quando eu passar, definitivamente,  
mesmo tendo sido em vão o meu desfile,  
quero que meu amor guarde de mim os doces instantes  
e os inimigos eventuais tenham cebolas a cortar.

Quando hoje houver, mas amanhã nem talvez,  
quem tiver cruz a transportar nas costas  
que a fixe sobre o chão que me abrigar  
e meus filhos me possam lembrar  
como a semente que teimou em germinar.  
Quando mergulhar no mar vazio,

de onde vim, também sem o saber,  
estarei, como nunca, melado  
da placenta pastosa das palavras,  
berrando o urro primevo e primal  
de todo inexistente que alguma vez tenha existido.

*São Paulo, madrugada de 7 de março de 1998*



## ABOIO DO SEMIÁRIDO

*O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da Terra.*

Euclides da Cunha,  
*Os Sertões*, 1ª Parte, Capítulo V, "A Terra"

O deserto inteiro e o sertão só meio:  
cá fora o deserto, lá dentro o sertão.  
Visto do sertão, o mundo é cancela:  
as mãos de Euclides, os peitos de Gabriela.  
Ao longo do deserto nem mundo há:  
a espada de Lourenço e a cruz de Jerônimo,  
um santo no Saara, o rei do sertão.

O deserto é perto,  
o sertão, distante.  
No deserto, a morte,  
no sertão, a sorte.  
O deserto é porto,  
o sertão, estação.  
O deserto é uno  
e o sertão são vários.  
O deserto é mono  
e o sertão, estéril.  
No deserto, serpente;  
no sertão, repente.

No deserto há dunas  
e o sertão tem donos.

O deserto amplia  
e o sertão reduz.

O deserto, opaco  
e o sertão reluz.

No deserto, o Norte é tudo,  
no sertão, bússola é o vento.  
O jejum no deserto purifica;  
a fome no sertão só mortifica.

Pois no deserto há pureza  
e no sertão, escassez.

Se pelo deserto passam,  
do sertão se retiram.

O deserto é o que se sabe  
e o sertão não se conhece.

O deserto é todo igual  
e o sertão, tão diferente.

O deserto correto  
e o sertão demente.

Num, se trama a aventura;  
o outro, um fio de vida.

Num toureia-se o medo;  
o outro se enfrenta desde cedo.

No deserto, a paz dos místicos  
e o sertão é guerra por frutos.



O beduíno nômade,  
o sertanejo trânsfuga;  
o beduíno valente,  
o sertanejo, um forte;  
o camelo lerdo  
e o bode canhestro;  
o camelo trôpego  
e o bode trêfego.

A dança dos véus de Salomé,  
os anéis nos dedos de Maria Dea;  
a arte caprichosa de Sheherazade  
e os suspiros rimados de Teodora.

Cadê o afago da adaga do beduíno?  
E onde o peixe da peixeira do sertanejo?  
Cadê o sinal no punhal do beduíno?  
E onde o sangue no bernal de Virgulino?  
Cadê o ódio no olho do beduíno?  
E onde o amor no ombro do sertanejo?  
Cadê o sal no pão do beduíno?  
E onde o mofo na farinha sertaneja?  
Cadê a noz no oásis beduíno?  
E onde caju na roça do sertanejo?  
Cadê a carga na corcova do camelo?  
E onde a canga no costado do jumento?  
Onde a água no poço do beduíno?  
E cadê a água no pote do sertanejo?

No deserto, a palavra do profeta,  
no sertão, o sermão do Conselheiro.  
Dão bom dia a Alá mirando Meca  
e dormem com Cristo lhes rondando o alpendre.  
No deserto, areia nos olhos,  
e no sertão atire a primeira pedra.  
A caravana traça o caminho do beduíno  
e a procissão trava o passo do sertanejo.  
Sob o sol do deserto e o luar do sertão,  
o trapo do eremita e a sombra do taumaturgo.

No deserto, o tosco;  
no sertão, o brusco.  
O deserto é mudo,  
o sertão é surdo.  
O sertão é fogo,  
o deserto fátuo.  
No deserto, o brilho;  
no sertão, a trilha.  
O deserto é palco;  
no sertão, o parco.  
No deserto se perde  
e do sertão se foge.  
O deserto salva  
e no sertão só sendo.  
O deserto é plano,  
o sertão é chão.  
O deserto é pátria,



o sertão é berço.  
O deserto é pálido,  
o sertão é sólido.

No deserto, amplitude,  
E no sertão, a solidão.

## POEMA-SERTÃO

*Para Elba e Zé Ramalho, Ciro Fernandes,  
Chico César e Chico Salles, sertanejos*

Fomos gerados do mesmo barro duro,  
fomos paridos no mesmo porão escuro.

Estamos chegando  
ávidos e feridos,  
áridos encardidos,  
pálidos e papudos,  
impávidos e cascudos,  
perdidos em grutas,  
retidos no chão.

O sol que tudo alumia  
nos tocaia, torra e mata  
em quebradas de grotão.  
O luar, que, à noite, guia,  
dispara balas de prata  
nas veredas da ilusão.

Somos sementes de pedra  
jogadas na paixão:  
viemos tangidos por ventos parados  
e tocados em tristes refrões.  
Fomos nutridos no planeta fome,  
atraídos para o universo medo,



acolhidos no castelo papão,  
devolvidos à galáxia solidão.

Cabritos sem berro ou cheiro,  
reses a esmo sem vaqueiro,  
pirralhos sem choro ou cloro,  
coalhada que não tem soro,  
chocalhos que não têm som  
– os 12 trabalhos de Cristo  
em secas amargas  
de nossas almas vãs.

Viramos borregos desgarrados,  
tropa de burros sem tropeiro,  
cangalhas com cargas turvas,  
ancoretas sem aspas curvas,  
canoas sem salva-vidas,  
feridas curando males,  
remédios fazendo mal  
e aboios que não entoam,  
perdidos na amplidão:  
ora somos o sim,  
ora somos o não,  
na certa ficamos talvez.

Entramos por cancelas que fecham,  
saímos por janelas com trave,  
plantamos feijão, milho e canto,

tecemos um nada,  
que é feito de quanto,  
bebemos o parco do alto  
e colhemos o broto do chão  
em cachos de banana podre,  
mangas com aroma doce  
e alvos capuchos de algodão  
– reflexos do espelho opaco  
da lança do capitão.

Choramos do olho cego de Deus,  
cruzamos o passo coxo do Cão.  
Estamos da boca pra mão.

A vida passada a luto,  
a morte jamais por susto,  
velada com cera mole  
trocada por dois talentos  
só para comprar sal e pão.

Desde em breve seremos pó:  
chegados tarde,  
partimos cedo  
nos oito pés quebrados  
deste poema-sertão.



## ATENÇÃO: GUERRA À VISTA

Todo desejo  
subverte a ordem  
e instala o caos.

Todo beijo  
bagunça o coreto  
e regala a vida.

Todo amor  
cancela o absurdo  
e abala a paz.

*São Paulo, 5 e 6 de fevereiro de 2003*



## SEIS QUARTETOS EM SI

*A poesia é decerto uma loucura*

Álvares de Azevedo

*O poeta é um traidor...*

(*apud* Fernando Pessoa)

*Este poema vai para*

*João Gilberto, Gilberto Gil e Carlos Vogt*

A poesia  
é o lugar comum,  
onde o poeta  
ri de si mesmo.

A poesia  
é um pilar incomum,  
onde o poeta  
cisma consigo mesmo.

A poesia  
é um berço sem grades,  
de onde o poeta  
sai para si mesmo.



A poesia  
é um buraco negro,  
onde o poeta  
traí a si mesmo.

A poesia  
é um salto sem rede,  
onde o poeta  
cai sobre si mesmo.

A poesia  
é um caixão sem tampa,  
onde o poeta  
encerra os seus mesmos.

*São Paulo, 14 de setembro de 2002*

## DO PÓDIO AO PÓ

*A vida é uma frase interrompida.*

Victor Hugo

O ginasta se projeta no ar  
e se prostra ao solo;  
o tenista empunha a raquete  
e rebate a bola pra fora;  
o ponteiro corta com força  
e, bloqueado, faz o ponto contra;  
o zagueiro desvia a pelota  
e a vê morrer na própria rede;  
o nadador bate a mão na borda  
e sente o mundo a seus pés.

O pódio premia o suor  
e o pó é o troféu da derrota.  
A existência é uma corrida de obstáculos  
sem fita de chegada;  
uma partida sem resultado;  
uma Olimpíada sem medalha:  
todos erram,  
todos perdem a vida,  
todos são iguais  
perante o amor  
e a morte.



## OS PEIXES DE ÉFESO

*Para Ivan Junqueira,  
poeta dos rios*

Quando Heráclito pescava em Éfeso,  
o velho rio, sempre renovado,  
lhe levava novos peixes,  
seres esguios, bichos macios,  
purificados à mesa pelo sal,  
tornados proteína para o corpo,  
tônico para a mente  
e refrigerio para a alma.  
O rio sumia sem esperar o breu  
e renascia antes de refletir o sol:  
apenas corria para a frente,  
deslizando para nada,  
como uma serpente sem ninho  
pra onde nunca voltar.  
O pão posto à mesa desmanchado,  
o tubérculo do triunfo apodrecido  
e a dor da perda descomposta,  
como antes a fome à mesa posta.  
O rio de Heráclito flui em Éfeso,  
assim como a cidade e seu nome.

Somos,  
como ele foi,  
os peixes dele:  
sol na água,  
sal da terra,  
dor de fogo,  
cor de céu.



**SR. BRASIL, PRAZER E PENA**

*O Brasil é isso aí mesmo.*

Fernando Henrique Cardoso

para João Moreira Salles

*Para Rolando Boldrin*

O Brasil é isso aí:  
munganga de sagui,  
moqueca de siri,  
delícia de abacaxi  
e licor de pequi.

O Brasil é isso mesmo:  
um índio a esmo,  
um negro forro,  
tutu com torresmo.

O Brasil é isso:  
um enguiço,  
chouriço,  
espinho de ouriço,  
ex-voto e feitiço,  
uma flor em pleno viço.

Tem bê de bola,  
bunda rebola,  
bê de Boldrin,  
banzo de branco,  
ordem no tranco

e progresso pra banco,  
muleta de manco.  
Erre de rói couro,  
a rota do ouro,  
erre de Rolando  
e Rolando Lero,  
de rato e rei,  
duplo em errei.  
Parece que acabou  
e nem sequer começou.  
A de Alagoas e Alagados,  
A de açude,  
vício e virtude.  
Esse só de sol e sal,  
de safo e sacana,  
mas sobretudo de sacripanta  
mesmo esse de santa.  
Esse de sonho  
bom ou medonho.  
I de inocente,  
como parece a nossa gente,  
de ilusão e injúria,  
de ignara incúria  
e ingênuo luxúria,  
nosso importuno infortúnio.  
Ele de lenga-lenga,  
leve e molenga,  
também de lama,



um lindo drama.  
Ele de lado,  
o lado bê da fama.  
Ele de Lampião,  
lutas e loas  
no mar do sertão.  
Ele de ladrão,  
pelo menos algum há.  
Ele de louco,  
cada um tem um pouco.  
Ele de luz,  
Axé, Jesus.  
Sr. Brasil, prazer e pena,  
ele é fugaz,  
ela é pequena.  
Torno ao degredo,  
nunca fui sério.  
Morro de medo,  
vivo um mistério.  
Levo um segredo  
pro cemitério.  
Sr. Brasil, pena e prazer:  
a pena é capital,  
e o prazer, mortal.

**PARA XOSÉ LUÍS, COM XIS,  
DE UM JOSÉ COM JOTA**

Como aquele malaguenho  
que por amor, desvario  
ou lá vai saber o quê,  
pintou as meninas  
da rua de Avinhão  
como se elas fossem manchas  
e fosse o sete o infinito,  
o celta audaz  
fez da Catalunha, onde vive,  
uma ponte impossível  
entre duas margens  
que se tocam,  
mas se deslocam,  
se beijam  
e só se queixam,  
se amam,  
conquanto não se entendam.  
Este galego galáctico,  
embora não viva em Madrid,  
chega à razão desta idade,  
embarcado de um porto do Norte  
e desembarcado na ponta do dedo  
do genovês que aponta o colosso  
do abismo intransponível  
da água, do sal e do Sol.



Do lado de lá,  
que é o lado de cá,  
dependendo do ângulo  
e do sextante,  
da bússola  
e do calmante,  
a oficina da América  
com selvas e arranha-céus.  
E este celta africano,  
vindo de onde ele veio,  
com sua língua que é ponte,  
de palavras sempre vivas,  
embora quase mortas,  
seu galego-português,  
entre Castela e o Algarve,  
cruzou o grande oceano  
na nau do dono de Ítaca,  
sem cera para os ouvidos  
nem guitarras para o fado.  
E saltou do cavalo branco  
do jovem rei embuçado  
direto no sertão do Canudos,  
sem pedir licença,  
igual à Irene do Bandeira.  
Longa vida, pois,  
para este artífice  
que nas armas  
do soldado Luís

e do soldado Miguel  
sela a compreensão  
dos vizinhos surdos  
que se toleram.



## ESTRELA DE MUITOS MARES

*Para Stella Mannucci,  
minha neta lombarda*

Uma vez, alguém me disse  
– e na certa não foi meu avô –  
que o Mar Mediterrâneo foi deserto,  
assim como o céu é do condor.  
(E num dia incerto alagou).  
Ninguém vai saber  
se foi no dilúvio universal  
nem se Noé se embriagou  
com as uvas de Florença.  
Ou mesmo se a arca dele o singrou  
da costa amalfitana  
ao litoral da Sicília.

Dizem também, e minha avó nem sabia,  
que um dia meu sertão de onde vim  
fora antes outro mar que secou,  
com as ondas virando pó  
e a superfície, um fundo só  
de casca grossa e miolo socado  
com torrões que o sol secou  
e um luar de leite banhou  
em noites de breu e meninice:  
meus irmãos e eu,  
eu e meus irmãos.

Ancestrais de teu pai pintaram capelas  
e escavaram no mineral  
vícios da vida orgânica:  
dor e luto, esgar e paixão.

Ascendentes de minha mãe curtiram couro cru  
e picaram fumo com peixeira de pelar peixe.

Num olho teu brilham  
fogueiras de São João  
e no outro reluz o ouro  
fátuo dos Médicis.  
Em teu Salão Vermelho dos Uffizi  
fizeram funções de repente de viola.  
E não há ó gente, ó não,  
queijo demais no macarrão,  
um caroço de feijão  
nem chumbo no mosquetão.

No rosado de tua face de louça  
a raça dos bebedores de vinho  
nas mesas ao sol  
da Praça da Senhora.  
E a herança dos coronéis do ermo vão  
no jeito decisivo de dizeres não e no e não  
– será uma emboscada ou apenas um refrão?



Assim és, esta estrela de muitos mares,  
este facho de luz na escuridão,  
ponte lançada sobre o pélagos,  
pênsil capucho de algodão,  
semente jogada de nossa mão  
no rumo do céu,  
fulgindo no chão.

No lado de lá de Gibraltar  
e aqui ao sul do Panamá  
esta pequena-grão,  
esta criança-síntese,  
esta menina-tudo,  
com a beleza antiga  
das raparigas da voga  
e a plena castidade  
das mocinhas do cordel.

Quem disse que vieste  
nas naus romanas  
que Pompeu comandou  
para buscar trigo em Cartago,  
encarando piratas e procelas  
e trocando vida por navegação?  
Teu caráter de surfista sem jaça  
só busca brisas de banho de cheiro  
e espumas pra se enfeitar.

Te encontrei nos camarins do Alla Scala  
cantando uma ária de Verdi  
e chupando um caju maduro  
com cheiro de terra  
e algum acorde de violão.  
Ali te escancharam no lombo do touro  
da sorte da galeria Vitor Emanuel  
nesse teu burgo lombardo,  
que sobreviveu ao tacão  
de certos oficiais ciganos  
no vai da valsa do vão.  
Aqui segues as pegadas das sandálias  
dos cabras cegos de Virgulino  
nas veredas e carrapichos  
do poder de Deus é grande,  
porém o mato é maior.

Meu universo inteiro cabe numa sela  
e teu berço é meu coração  
– paisagem de dois mundos,  
visitados nas traquitanas de voar  
de Leonardo, de Vinci, na Toscana.

Tuas mãos, presas ao leme,  
acariciam cardumes,  
pintam afrescos,  
esculpem pedra de Carrara,  
destilam doce cicuta



e sufocam traições.  
Teus pés soltos do solo  
repisam as patas sem rota  
de boiadas tresmalhadas  
perdidas na imensidão.  
Em cima dos caracóis de teus cabelos  
pousam anjos de Buonarroti  
que só faltavam voar.  
E em teus tímpanos trilíngues  
ressoam oito baixos de foles  
dos forrobodós da estação.

Até chegar perto do Duomo,  
aí mesmo em Milão,  
atravessaste cordilheiras,  
continentes e oceanos.  
Chegaste com perfumes finos  
e dez dedos de poesia.  
Desceste Vesúvio abaixo,  
cruzaste o Raso da Catarina  
com este teu brilho de fogo  
a iluminar, feito farol de milha,  
o sertão, o deserto, a inundação  
e este mar sem fim  
da mais absurda solidão.

**...E SOBRE ESTA PEDRA...**

*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*

Mateus 16:18

*Para Pedro de Oliveira Pinto,  
meu neto "alfacinha"*

Em ti, Pedro, celebro  
o cérebro dos sábios  
e a alma dos dementes;  
a vida, enfim,  
e tudo o que nela há  
de sórdido e sublime,  
de sagrado e profano,  
de plástico e clássico,  
de inefável e medonho.

Em ti, Pedro, celebro  
a vida que não tive  
e a que não terás;  
as penas de teu avô jornalista  
e as barbas de teu avô sebastianista;  
teu pai moreno  
e tua mãe branquinha;  
tua avó que ensina  
e tua avó que cura;  
teus bisavós, tuas tias,



teus tios, teus primos,  
o núcleo da família,  
múltiplo e irreversível.

Em ti, Pedro, celebro  
os bichos de nuvens  
e os castelos de areia;  
as maldades da infância  
e os achaques da velhice.  
Celebro o pó de que vieste  
e o pó ao qual voltarei,  
as cinzas de fênix  
e as pirâmides sobre o Nilo.

Em ti, Pedro, celebro  
a biografia dos santos  
e o suor das prostitutas;  
o incenso dos altares  
e o esperma dos prostíbulos;  
as ratazanas de esgoto  
e os ratos de biblioteca;  
os sóis de maio e o luar de agosto;  
o pássaro que voa  
e o tiro que o abate.

Em ti, Pedro, celebro,  
o perfume dos bosques  
e o hálito dos rouxinóis;

o canto da mulher que fia  
e o pranto da mulher que perde.  
Em ti celebro o tear, a teia, o pote;  
a aranha que tece  
e a fera que fere;  
a pele do tigre  
e os braços do polvo.

Em ti, Pedro, celebro,  
o mundo que não vejo  
e o que não construí:  
os muros erguidos  
pelos heróis de guerra  
e o sono sem repouso  
dos guerreiros  
após as batalhas perdidas,  
sementes que brotam.

Em ti, Pedro, celebro  
o sonho dos insanos,  
o pesadelo dos normais  
e a obra dos vadios,  
que teus olhos abertos  
hão de ver  
e teus dedos longos  
hão de tocar  
e tuas pernas finas  
hão de dançar



e tua boca linda  
há de narrar:  
o mundo a teus pés  
– a nossa trilha  
– a caminhada comum  
– o nosso passo.

Em ti, Pedro, celebro  
o medo e o espanto,  
o susto e o justo,  
o casto e o pecador.  
celebro, enfim, a sorte.  
Celebro, ainda, o sim,  
pois sem sim  
não há tropeço  
e também celebro o fim,  
pois sem fim  
não há começo.

Mas tu, Pedro, és meio:  
a pedra no caminho;  
o seixo no eixo  
da máquina do mundo;  
e o lance de dados  
do monolito  
jogado no infinito.

*São Paulo, 14 de setembro de 2002*

## LEGADO

*Eis que estabeleço minha aliança convosco  
e com vossa descendência*

Gênesis 9:9

*Para meu primeiro neto, Pedro*

Não terás ouro de tolo  
nem a tuas mãos chegarão  
a pepita de um garimpo  
de um igarapé ianomami  
que orne um santo que seja  
de um altar qualquer  
num dos templos barrocos  
de São Salvador, Bahia;  
nem as minas de prata  
do romance de Alencar,  
que li sonhando,  
ainda só infante.  
Nem sequer um níquel  
de moeda sem valor,  
troco de esmolas  
jogada à sorte  
no pátio dos profetas  
moldados pelo mulato  
em Congonhas do Campo,  
ermo sertão das gerais.



Tua herança será de chumbo, sim,  
mas o trocado em tiros  
nesta guerra de palavras,  
Canudos sem conselhos:  
terás uma arca de letras  
de finas bordas  
e grosseiros rombos,  
vagas na aparência,  
mas de pétrea rigidez  
(as pedras da calçada).

Meu testamento conterà  
a rija esclerose  
das veias que transmitem  
esta garapa de cana,  
esta rapadura batida,  
sangue de escravos,  
emborcados nos porões  
dos navios negreiros  
que Castro Alves glosou  
– com glóbulos feito foices  
e sua espessa expressão  
de um rubro escuro,  
negro ou quase preto.

Haverá também entre os haveres  
meu coração combalido  
de tantos combates

de amor, cansaço e fé,  
esperança, dor, ilusão;  
tenras rendas de bilro  
de rendeiras do Ceará  
que te ensinam a namorar;  
e todas as trilhas capazes  
de te entregar à solidão.

Ah, na certa, terás dívidas a pagar:  
amigos que esqueci  
e inimigos que não se esquecem;  
tocaias que desarmeí  
e velórios a que faltei;  
festas barradas no meio,  
brutos sem compaixão  
e lutos sem remissão.  
Lucros e perdas haverá,  
umas, de mel deglutido  
outros, afetos a vomitar.

Talvez os olhos míopes  
de eu só ter lido o inútil  
e o colesterol elevado,  
a cobrar os serviços  
dos feijões com carne seca  
de refeições de paxá.  
Quem sabe ouvidos cansados  
pelas canções que ouvi



e passos retardados  
por rixas que não lutei  
ou barreiras que não saltei.

Perdoa, Pedro,  
o País que te largo:  
esta infame e sublime  
tradição de traições,  
estas taras de gerações;  
a brasa morna  
das charqueadas;  
e a poeira seca  
das vaquejadas.  
Por este saldo devedor  
pagarás conta de peso  
com sangue, suor e cachaça.

Mas aproveita o que puderes  
das histórias de cantador,  
ainda as que eu não contar;  
dos poemas de amor,  
até os que eu não fizer;  
e das portas do mundo,  
mesmo as que eu não abrir.

Viver é se perder e achar,  
ou melhor, é se achar e perder.  
A vida é pena a cumprir,

remorso a carpir,  
mesmice e castigo,  
e mais ainda: é susto,  
canto e mistério,  
miséria, pranto,  
capricho e sedução  
– a vida é séria,  
a vida é vil,  
a vida é vã,  
qual telha vã.

Segue a trilha oculta,  
vai ao pote seco,  
solta a voz travada.  
Pois num lugar incerto,  
num sítio tosco,  
na Estação Finlândia  
ou no Taj Mahal,  
serei teu ouvinte atento.

*São Paulo, 7 de novembro de 2002*



## A VOLTA DE NOVO

*Voltar é uma forma de renascer.*

*Ninguém se perde na volta.*

José Américo de Almeida,  
“Antes que me esqueça”, *A Bagaceira*

No caminho da volta,  
o amante pródigo  
não se perde: renasce.  
As flores da estrada  
ganham viço  
e uma fragrância nova,  
um cheiro macio de perdão,  
que se torna espera,  
e de espera,  
que vira celebração,  
um perfume antigo  
e fresco,  
que lembra limão.

Em Ítaca, Penélope cose  
toalhas para o banquete,  
fronhas para o bom sono  
e os lençóis da conciliação.  
Não há ressentimentos  
nem orgulho inútil  
na fidelidade discreta

desse gesto familiar...  
Um xale lhe cobre os ombros  
e os dedos macios  
puxam a corda da lira  
fazendo-a vibrar  
em canções de amor  
e gestas de esperança  
de paciência nada vã.

Volta bem  
quem viajou leve:  
cabelos à brisa do mar  
e as mãos na cintura,  
com braços por enlaçar  
algun torso feito tronco,  
um barco a navegar,  
um berço de ninar,  
um bote pra salvar.

Volta inda melhor  
quem sempre o faz  
por um bule de café,  
um parco naco de pão  
e uma sutil ilusão  
de quem só navega  
para o eterno retorno,  
sempre em busca  
da paixão imóvel,



que não muda nem cala,  
despedaçado o coração,  
só pra depois o colar  
caco a caco,  
taco a taco,  
toco a toco.

Assim são  
os caminhos da volta:  
sem medo e sem peso,  
sem mágoa e sem rota.  
Pois na volta  
ninguém se perde.  
Na volta  
ninguém só pede.  
E na volta  
só se abre mão  
da solidão.

## NO OITO, DEITADOS

Foi tudo assim meio de repente  
e, entretanto, aconteceu há muito  
mais de 10 mil anos atrás.  
Não sei quando vivemos da outra vez,  
não importa quando foi, quanto foi.  
Certo é que peguei na tua anca  
e foi por instinto, sem cálculo.  
Com os diabos, fiquei sem saber:  
era a borda do abismo  
a que se agarra para não cair  
ou do qual se pula para não viver?  
Não conto o que fizemos da outra vez  
nem minto o que já ocultamos antes,  
Sei lá quando, no tempo dos Médici,  
sob o reinado dos faraós,  
na corte de Henrique VIII...  
De repente, a palma de minha mão  
tocava o quadril de Ana Bolena  
e em meu abraço Gioconda gemeu.  
Nosso encontro não foi no tempo  
e no espaço em que ele se deu:  
se sobrepôs a outro, fintando a Física.  
Se faz apenas alguns instantes  
que nos vimos de novo  
e de novo pela primeira vez,  
por que me deu esta vontade



de fazer este poema?  
Se já faz tanto tempo assim,  
contemporâneos de Moisés,  
súditos de Herodes,  
por que não lhe disse tudo isso  
quando nos cruzamos  
– sedentos e trêfegos –  
no harém de Saladino?  
Afiml, já findamos tanto  
e, contudo, agora,  
parece que nunca mais  
vamos terminar.  
Se o oito deitado não tem começo,  
nele vamos dormir nosso sonho  
para acordar selenitas  
numa lua de granito e aço  
boiando no céu do futuro.

**Considerações sobre *Poemas vis*, de Gustavo de Castro, por José Nêumanne Pinto:**

O verso canta  
e encanta.  
A estrofe atura  
e apura.

O poema decanta.  
O poema espanta.

A poesia apura.  
A poesia é obscura  
e, clara, cura.

**Resposta de Gustavo de Castro:**

Mas reverso  
Também canta  
E espanta  
Por que o reverso  
De todo verso  
Ainda é poesia  
É o viço do avesso.



**Comentário de Hildeberto Barbosa  
Filho, poeta, crítico e membro da  
Academia Paraibana de Letras:**

A poesia é clara pura:  
impura é a alma do poema.

A poesia encanta  
quando encontra a clara  
do poema.

O poema se descontra  
se não se lava na larva clara  
da poesia.

### **Glosa de Astier Basílio**

Instalação para um nada  
o esteta se estatela  
O ar tem jaulas.  
em língua de fogo  
as placas.

Pisando em  
(o ovo ou a galinha?)  
brasas. Daniel  
e sua plateia de  
sátrapas.

O nada  
arauta. À mancheia.  
Em manchas de  
Rorschach

devolve o céu,  
o abutre do mesmo  
ferimento,  
um sangue por dentro  
de culatras.



## DOMINGUINHOS, MENINÃO

Seu Domingos bolia com bondade  
Na fala mansa e na comunhão.  
Sabia ouvir porque tinha ouvido  
E mexer nos acordes da paixão.

Pois seu Domingos sempre foi menino,  
Ao tocar fole e de rodar pião.  
Sua vida era prumo de concórdia,  
Seu mestre e guia, o rei do baião.

Seu Domingos queria paz na terra,  
No mar, na praia, no céu e na serra,  
Sua guerra era de amor e ternura  
Tocando sanfona pro Gonzagão.

*(Letra para Gereba)*

## EPÍLOGO

*Dailor Varela*

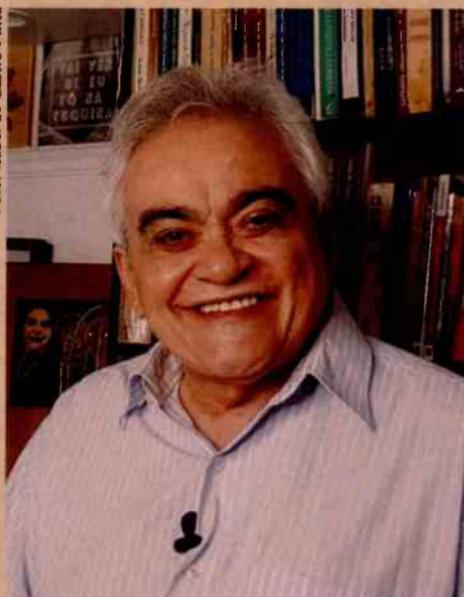
*Poema para Nêumanne, em Higienópolis*

Em Higienópolis  
o sol cego do sertão paraibano  
não se expõe  
em nenhuma vitrine  
É um sol que habita  
o homem Zé  
Herdeiro de retinas e  
sotaques  
que dona Mundica  
que ensinou nas rimas  
das canções de ninar  
É um sol que se oculta  
mudo,  
nas estantes  
como um cordel sem palavras  
que cala lembranças  
de Campina Grande,  
onde baladas dos Beatles  
misturavam-se com os desatinos  
do poeta Zé Limeira  
que o empório Higienópolis  
não vende.





Acabou-se de imprimir  
**ANTES DE ATRAVESSAR**  
em 30 de setembro de 2022  
na cidade de São Paulo,  
nas oficinas da Nossa Impressão,  
especialmente para  
Ibis Libris.



**José Nêumanne Pinto** nasceu em 18/05/1951, em Uiraúna, no sertão da Paraíba. Casado, quatro filhos, cinco netos, é jornalista, poeta e escritor. Em 1975, ganhou o Prêmio Esso de Reportagem Econômica pela série “O Perfil do Operário Brasileiro Hoje”, publicada no *Jornal do Brasil*. Em 2004, o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, da Academia Brasileira de Letras, foi destinado pela primeira vez à ficção, pelo romance *O Silêncio do Delator*, publicado pela Editora A Girafa. De poesia, editou *As Tábuas do Sol*, *Barcelona*, *Borborema* e *Solos do Silêncio* (Poesia Reunida). A gravadora CPC da Umes lançou um CD com seus poemas lidos.

---

## JUVENTUDE A TRÊS

Era cedo, muito cedo ainda.  
O sol não tinha dado as caras  
pela janela fechada do quarto.  
Acordei ouvindo passos no corredor.  
Pensei que fossem Isabel e Artur  
e ela vinha pedir ajuda  
para eu ficar com o bebê  
e ela ir ao banheiro  
escovar os dentes  
e lavar o rosto.  
Mas não eram eles.  
Ouvia o pulsar de meu coração,  
remoçado pela presença dos dois  
na minha vida velha de 68 anos.  
Ou melhor, eram, sim, Isabel e Artur  
caminhando pelas artérias e veias  
desta melhor manhã  
de minha nova mocidade.

*São Paulo, 1º de dezembro de 2019, seis meses de Artur  
(Tom Cavalcante gravou este poema em áudio, uma honra)*



ISBN: 978-65-89331-65-0



9 786589 331650